ILUSTRAÇÃO

2.º ANO
NUMERO 35

Lisboa, 1 de Junho de 1927

PREÇO
4$00

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Urotropina effervescente Schering

DE SABOR EXCELENTE
DE INEXCEDIVEL EFICÁCIA

A Urotropina efervescente Schering é manipulada sob a base da Urotropina original Schering, que tem sido comprovada por uma experiencia clínica de 30 anos como um medicamento preventivo e curativo o mais poderoso contra as doenças infecciosas, especialmente das vias urinarias, biliares e intestinais. A Urotropina efervescente Schering é uma bebida extremamente agradável e um medicamento sob todos os pontos eficaz.

Progresso E Approvação

O anno de 1926 assignala-se para a casa Dodge Brothers, Inc., como periodo de inaudito progresso e fortuna.

As vendas de automoveis Dodge Brothers attingiram em 1925 o numero total de 260.000. Em 1926 foram vendidos 330.000 automoveis—um augmento de 70.000 carros.

Foram conseguidos novos triumphos no campo technico pela introducção de primorosos aperfeiçoamentos desde o começo do anno.

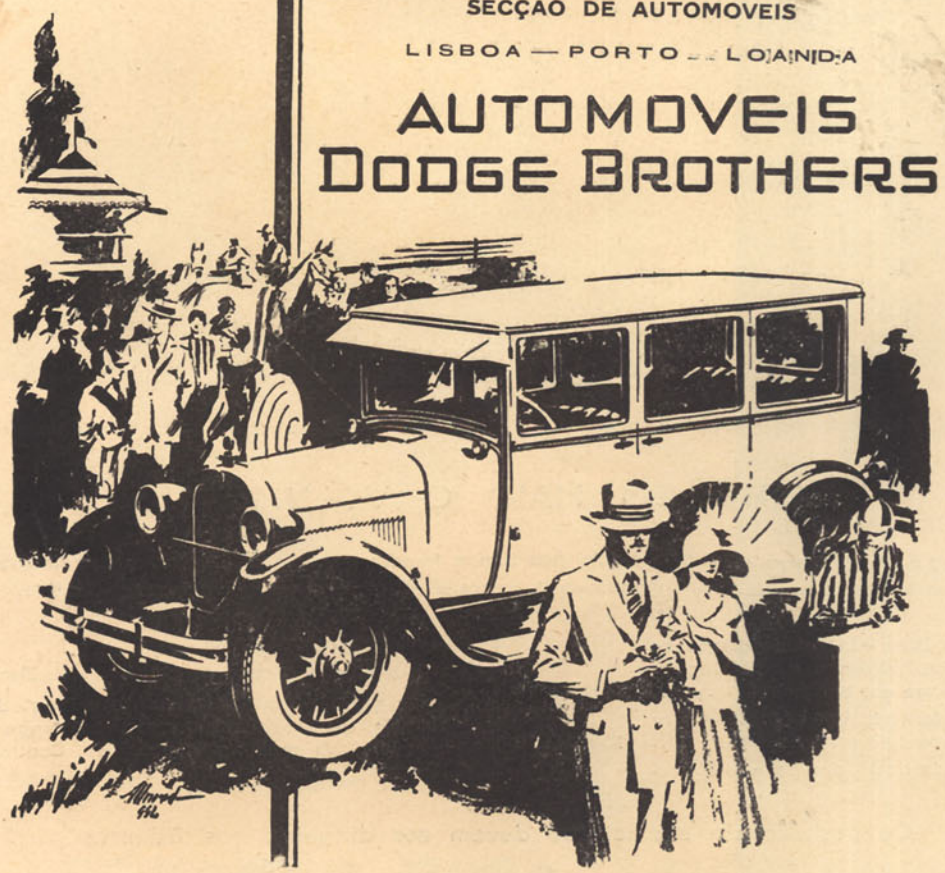
Nunca os automoveis Dodge Brothers se impuzeram tão decisivamente ao favor publico. Nunca foram tão dignos do favor com que o publico consagra os seus meritos.

BERNARDINO CORREA, LDA.

SECÇAO DE AUTOMOVEIS

LISBOA — PORTO — LOANDA

AUTOMOVEIS DODGE BROTHERS



HISTORIA DE PORTUGAL

POR

Alexandre Herculano

EDIÇÃO ILUSTRADA

em 8 volumes no formato 12×18, impressos em esplendido papel, publicando-se um volume mensal

SAIU EM MAIO O VOLUME I

Por assinatura: o pagamento aos tomos faculta a quem o desejar, a acquisição desta obra monumental, pouco a pouco, sem qualquer encargo pesado.

Continente e Ilhas — Incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, cada volume em brochura ... . **Esc. 10$00**

Idem, encadernado em percalina com ferros especiais e letras a ouro..... **Esc. 14$50**

Idem, encadernado em carneira gravada, à antiga portuguesa, com folhas pintadas a encarnado .. .. **Esc. 25$00**

Colónias portuguesas — Pagamento adeantado — Incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, os mesmos preços do Continente e Ilhas.

Os pedidos de assinaturas devem ser dirigidos aos Editores

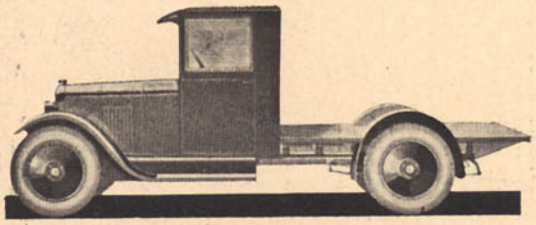
Livrarias Aillaud e Bertrand — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O ULTIMO GOLPE NA TRACÇÃO ANIMAL

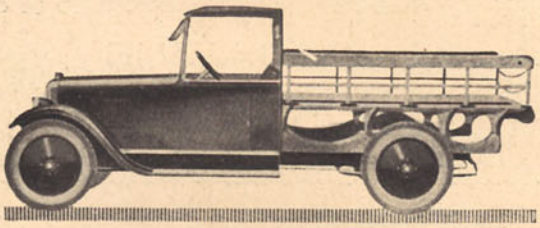
ACABA DE SER DADO COM O APARECIMENTO DAS CÉLEBRES CAMIONETES

CITROËN

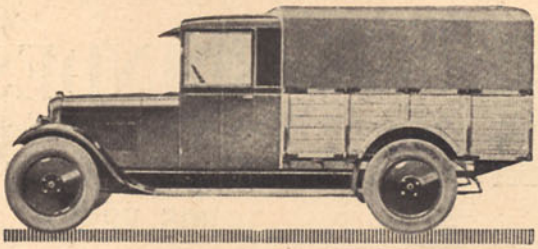
Os vários modelos carrossados que esta fábrica apresenta, não só pelo seu preço de custo mas pela perfeição e fortaleza dos seus orgãos e ainda pelo seu reduzido consumo nunca atingido em carros utilitários, estão destinados a fazer no nosso País enorme sucesso.



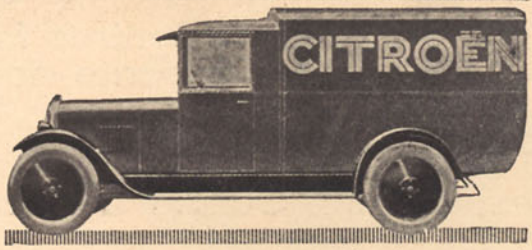
Camionete PLATEAU para 1000/1500 Kgs., medida do estrado 2,10 métros de comprido, por 1,37 de largo.
Preço nos nossos Stands do Porto ou Lisboa, Escudos: 17.500$00.



Camionete PLATAFORMA, magnifico carro de transporte para 1000/1500 Kgs., medida da parte destinada a carga 2,10 métros de comprido por 1,95 de largo, altura dos resguardos laterais, 0,45.
Preço no Porto ou em Lisboa, Escudos: 19.000$00.



Camionete de carga para 1000/1500 Kgs., com capota de tecido impermeável, carrosseria elegantissima. Medidas da parte destinada a carga 2,10 métros de comprido por 1,37 de largura e 1,35 de altura.
Preço no Porto ou em Lisboa, sendo a frente TORPEDO, Escudos: 19.900$00, frente CONDUITE INTERIOR, Escudos: 21.200$00.



Carro para entregas, carrosseria inteiramente metálica, com larga porta atraz com 2 batentes, para 1000/1500 Kgs., dimensões da caixa, comprimento 2,10 métros, largeira 1,37 e altura, 1,35. Frente CONDUITE INTERIOR.
Preço no Porto ou em Lisboa, Escudos: 22.500$00.

Todos estes carros são munidos de amortecedores à frente e atraz, travões às quatro rodas por SERVO-FREIO, cinco rodas calçadas, iluminação e motor de arranque electricos.

Pedidos aos nossos sub-agentes nos seguintes distritos:

PORTO — Machado & Brandão, Limitada, Rua de Sá da Bandeira, 196.
BRAGA — Sameiros & Costa, Auto-Palace.
VIANA DO CASTELO — Júlio Fernandes de Carvalho, Ponte de Lima.
COIMBRA — Auto-Industrial, Avenida Navarro.
AVEIRO — Garage Fonseca.
GUARDA — Conde & Lopes, Limitada.
SANTAREM — Augusto José da Silva.
CASTELO BRANCO — Soares Mendes, Limitada.
PORTALEGRE — Soares Mendes, Limitada.
E aos Concessionários para Portugal e Ilhas

EDUARDO ROSA, LIMITADA

PORTO — Rua de Sá da Bandeira, 355 **LISBOA** — Avenida da Liberdade, 48

Endereço telegráfico CITROËN, Porto ou Lisboa

Os autenticos

Saes de Fructos "SICLA"

os unicos que não amargam, nem irritam e são superiores aos seus similares.

Vendem-se nas boas farmacias

Exijam esta marca

SOCIEDADE DE INDUSTRIA CHIMICA LUSITANA SICLA LISBOA

Deposito geral: FERREIRA & NEVES L.DA
R. dos Bacalhoeiros, 121, 2.º
LISBOA
T. C. 268

Distínguem-se bem!

Uma mulher que lê

Uma mulher que não lê o

MAGAZINE
BERTRAND

Casa Penim L.da
181 Rua Augusta 185 TELEF. C. 231
LISBÔA

BRINDES
a todas as nossas Ex.mas Clientes
LINDOS BALÕES AOS BÉBÉS

Compras directas nos principais centros fabris da Europa. Sortido deslumbrante das

ULTIMAS NOVIDADES

de Paris, Londres, Berlim, Suissa e Lion.

Preços de verdadeira sensação

CAPITALISTAS

de Portugal, Brasil ou California, procura funcionario superior bancário para desenvolvimento de negócios seguros com montagem de estabelecimento. Dão-se e pedem-se as mais rigorosas informações. Escrever para esta redacção.

Na Administração da «ILUSTRAÇÃO», Rua Anchieta 25 compram-se exemplares em bom estado do n.º 28, a Escudos 10$00; cada.

Preciosidade Bibliografica

Um livro de 1570 — O primeiro atlas geografico que se compilou — *Theatrum Orbis Terrarum* — por Abraham Ortelis; primeira edição colorida à mão e com iluminuras. O texto é em latim, explicado 93 mapas elaborados em Antuerpia, a documentar toda a sciência do tempo que a arrojada viagem de Fernão de Magalhães, já havia lançado em novas concepções de cosmographia. — Vende-se e dão-se informações nas

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

AUTOMOBILISTAS

Descarbonisae o vosso motor antes que ele se manifeste.

A carbonisação faz bater o motor, aumenta o consumo de gasolina, e as despesas de conservação. Diminue a fôrça do motor e o prazer de conduzir. Encurta a vida do motor.

Evitai, pois, a carbonisação do vosso motor.

A gasolina SHELL é composta de elementos que evitam a deluição do oleo, uma das causas da carbonisação.

Os lubrificantes SHELL, em sucessivas experiências práticas e scientificas de motores, provaram ser 100 % superiores nêste ponto, a oleos congéneres.

A carbonisação evita-se, pois, usando em conjunto

GAZOLINA E OLEOS

SHELL

à venda em todas as boas garages

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.º

Rua do Crucifixo, 49 — LISBOA

Depositários em todo o Pais

A PHOSPHATINE FALIÈRES

misturada com o leite é o alimento o mais agradavel e o mais recommendado para as creanças desde a idade de 7 a 8 mezes sobretudo ao momento da ablactação e durante o periodo da crescidão.

Util aos estomagos delicados, aos velhos e aos convalescentes.

Maison CHASSAING (G. PRUNIER & Cie), 6, Rue de la Tacherie, PARIS

PETROLE HAHN · POUR LES CHEVEUX ·

PETROLEO M. d. F.

HAHN

PARA O CABELO

Loção fortificante e regeneradora, indispensavel para limpeza, aformoseamento, conservação e desenvolvimento da cabeleira

FRASCO GRANDE 24$00 FRASCO PEQUENO 17$00

VENDA POR GROSSO

Agentes depositarios: J. DELIGANT, L.da

15, RUA DOS SAPATEIROS — LISBOA

O Remédio!

«Convence-te de uma coisa meu caro; para curares a neurastenia de tua mulher... e a tua, só tens um remédio eficaz: assinar e lêr o

MAGAZINE

BERTRAND

CABELOS BRANCOS

PREPARADO SCIENTIFICO

Usado por muitos medicos

Luetine, é o unico preparado scientifico de **combinação organica vegetal**, que devolve aos **cabellos a sua côr primitiva.** Os effeitos dêste especifico são tão interessantes que **muitos distintos medicos o usam** e o indicam na sua clinica.

Uma caixa póde ser usada por três ou mais pessoas ao mesmo tempo, e se uma teve o **cabelo preto**, outra **castanho** e outra **louro** a cada uma dará a sua côr primitiva com toda a naturalidade! Applica-se por gotas pequeninissimas doses; **torna-se por isto mais economico do que um produto, cuja applicação tenha de ser em maior quantidade e de demorados effeitos.**

CAIXA 7$800 e 5$800

Remette-se pelo correio

VENDAS:

Depósito-R. da Prata, 272-LISBOA

Laboratório Portuguêz de Produtos de Higiene

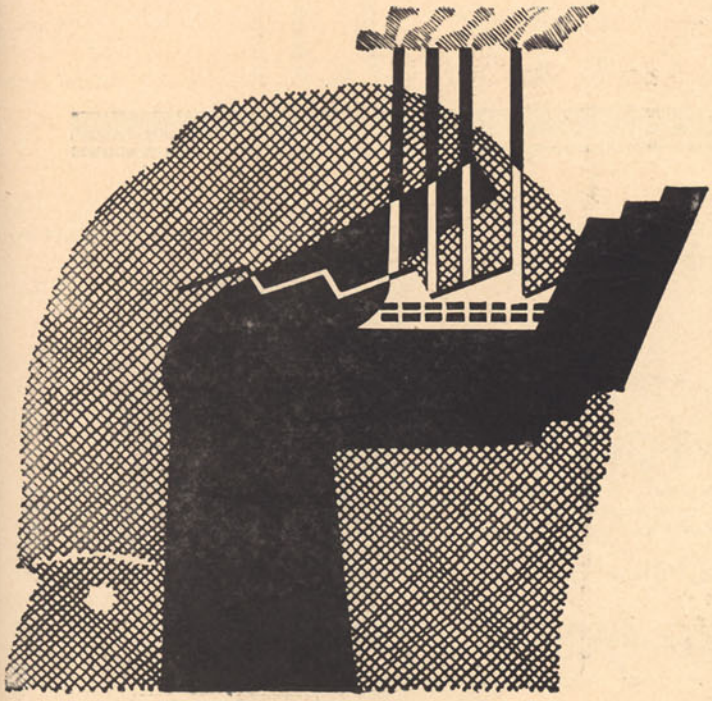
PORTO — Rua Alegria, 779

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

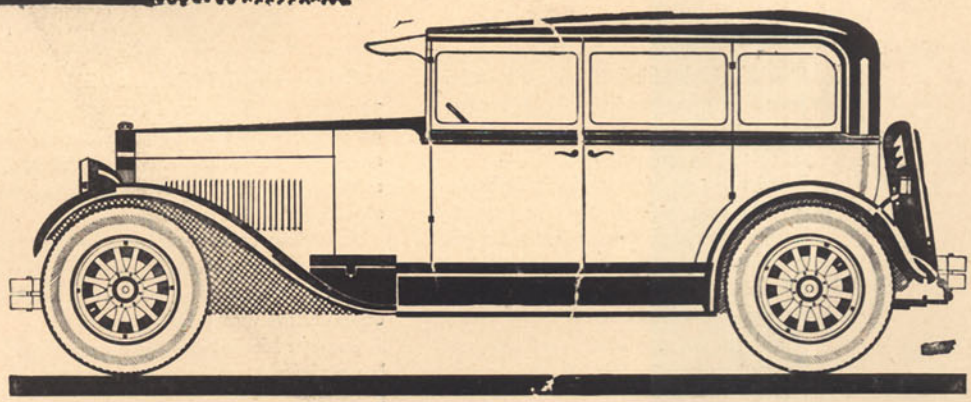
Sociedade Anónima — Estatutos de 20 de Novembro de 1894

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses da Beira Alta — Administração dos Caminhos de Ferro do Estado (Direcção do Minho e Douro). — **Serviço directo combinado. — Tarifa especial N.º 107** — Grande velocidade. — **Bilhetes de ida e volta a preços reduzidos** — Em applicação desde 1 de Maio de 1927. — **PREÇOS:** — Das estações abaixo indicadas á Figueira da Foz e vice-versa por via Pampilhosa: — PORTO, 2 dias de validade — 1.ª classe, 85$00; 2.ª classe, 63$25; 3.ª classe, 42$25. — CAMPANHÃ, 2 dias de validade — 1.ª classe, 85$63; 2.ª classe, 63$96; 3.ª classe, 42$80. — GAIA, 2 dias de validade — 1.ª classe, 85$12; 2.ª classe, 63$81; 3.ª classe, 42$90. — AVEIRO, 1 dia de validade — 1.ª classe, 53$26; 2.ª classe, 39$63; 3.ª classe, 26$40.

CONDIÇÕES. — 1.º — **Prazos de validade.** — Estes bilhetes são válidos: *a)* á ida, no dia e combóio para que tenham sido vendidos; *b)* á volta, dentro do prazo de validade indicado na respectiva coluna da tabela de preços desta tarifa, em qualquer combóio de serviço público que, fazendo serviço de passageiros da classe correspondente, parta da estação de origem de regresso do passageiro até ás 24 horas (meia noite) do último dia de validade: Os dias de validade contam-se da meia noite á meia noite, a partir das 24 horas (meia noite) do dia em que os bilhetes forem vendidos, com exclusão, porêm, dos domingos e dias de feriado nacional que nêles venham a ficar compreendidos. Para êste effeito, serão tambem considerados como dias feriados os três dias anteriores ao domingo de Páscoa (quinta e sexta-feira santa e sábado de Aleluia) e a segunda e terça-feira de Carnaval. O prazo de validade dêstes bilhetes pode ser prorrogado, uma ou duas vezes em metade dos dias úteis nêle compreendidos, mediante pagamento, por cada vez, isto é, por cada periodo de ampliação, de uma sobretaxa igual a 10 % do custo do respectivo bilhete. Para êste effeito as fracções de dia serão contadas como dias inteiros, tendo-se mais em vista que, para estes prazos suplementares de validade, tambem se não contam os domingos e dias feriados acima designados e que, se no prazo de validade primitivo ficar compreendido algum domingo ou dia feriado, êste facto não impede o passageiro de obter uma ou duas prorrogações de prazo. As duas prorrogações podem ser pedidas separadamente ou de uma só vez. Os pedidos de prorrogação e pagamento da respectiva sobretaxa devem ser feitos, antes de terminarem os prazos suplementares para os quais pode ser pedida prorrogação, na estação em que o passageiro tenha de iniciar a viagem de regresso. Se, depois de terminado o prazo de validade primitiva, o passageiro tomar lugar no combóio sem préviamente ter pago a sobretaxa de prorrogação, será considerado, para todos os effeitos, como passageiro sem bilhete. — 2.º — **Combóios.** — Estes bilhetes são válidos para qualquer combóio de serviço público que tenha paragem na estação a que o passageiro se destine e normalmente transporte passageiros da classe correspondente. — 3.º — **Paragens em trânsito.** — Estes bilhetes não dão direito a paragens em trânsito. Devem, portanto, os portadores dêstes bilhetes, ao chegarem ás estações de transmissão de uma a outra das linhas interessadas, continuar a sua viagem, quer á ida quer á volta, pelo primeiro combóio de serviço público para condução de passageiros da classe correspondente, que dali parta em direcção ao ponto de destino designado no seu bilhete. E', no entanto, permitido aos portadores dêstes bilhetes ficarem, á ida, em qualquer estação anterior á do destino designado no seu bilhete e nela iniciarem a viagem de regresso; ou deixarem o combóio, á volta, em estação anterior áquela onde começar a viagem de ida. Em qualquer dos casos, entender-se-há que voluntariamente abandonam a parte do percurso que deixaram de effectuar, sem que por tal facto lhes assista o direito a qualquer indemnização. — 4.º — **Excesso de percurso.** — Todo o passageiro que, á ida ou á volta, seguir além da estação do destino correspondente indicada no bilhete, e todo aquele que embarcar, á volta, em estação anterior á da respectiva procedência, pagará a passagem, no percurso excedente, ao preço e condições estabelecidas para excesso de percurso pela tarifa geral em vigor. Considerar-se-há como um simples caso de excesso de percurso o facto de, á volta, o passageiro ir além do ponto de desembarque indicado no seu bilhete por ter tomado qualquer combóio que nesse ponto não tenha paragem. — 5.º — **Mudança de classe.** — O passageiro que viajar em classe superior á indicada no seu bilhete pagará a diferença de classe no preço e condições da tarifa geral em vigor. Esta cobrança será feita separadamente no percurso de cada uma das linhas interessadas, desde o ponto em que haja sido tomado o lugar de classe superior até á estação de transmissão á linha imediata, ou até á estação de destino indicada no bilhete se a mudança de classe se fizer na linha extrema do percurso. — 6.º — **Lugares de luxo.** — Os bilhetes de 1.ª classe e, bem assim, os de 2.ª ou de 3.ª classes, cujos portadores préviamente tenham pago a diferença de preço por mudança para a 1.ª classe, dão direito á ocupação de lugares de luxo, mediante cobrança das respectivas sobretaxas. — 7.º — **Despesas acessórias.** — Nos preços desta tarifa está incluido o imposto ferroviário. — 8.º — **Intransmissibilidade dos bilhetes.** — Os bilhetes desta tarifa são vendidos sob condição expressa de só poderem ser utilizados na viagem de volta pela mesma pessoa que com êles viajou á ida. E', portanto, expressamente proibida a cedência, compra ou venda dos talões ou bilhetes com que deva ser effectuada a viagem de volta, podendo a Companhia entregar ás autoridades os negociadores dêsses talões ou bilhetes. Sempre que os bilhetes sejam constituidos por dois talões, um de ida e outro de volta, deve o passageiro conservar sempre consigo, á ida, os dois talões do respectivo bilhete e apresentá-los aderentes sempre que lhes sejam pedidos pelos agentes das Empresas. O passageiro que, á ida, não apresente mais que o talão de ida será considerado como passageiro sem bilhete. — 9.º — **Crianças.** — Não se vendem bilhetes a meio preço desta tarifa. — 10.º — **Bagagens.** — Os bilhetes desta tarifa não dão direito a transporte de bagagem registada. — **DISPOSIÇÃO GERAL.** — Em tudo o que não seja contrário ao que na presente se estabelece, ficam em vigor as disposições da tarifa geral. — **N. B. — Os preços desta tarifa estão sujeitos aos multiplicadores em vigor nas linhas de cada Empresa.** — Lisboa, 2 de Abril de 1927. — O Director Geral da Companhia, *Ferreira de Mesquita.*



Concepção Europeia.
Realisação Americana



Para a realisação do Erskine Six foi a Studebaker buscar a duas origens diferentes o que elas tinham de melhor: da Europa trouxe o melhor da sua tecnica e gosto artistico; da America todas as vantagens e predicados resultantes da experiencia e do poder das suas fabricas colossaes.

Deste conjuncto resultou o maior bijou de simplicidade luxuosa e de incomparavel perfeição que é possivel fantasiar.

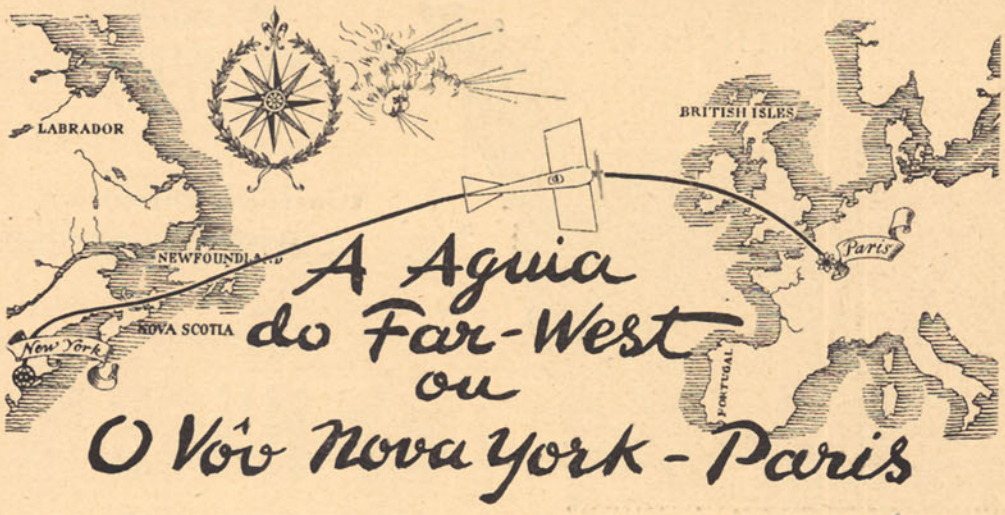
6 cilindros - 12 HP. 100 kilometros à hora
10 litros aos 100 kilometros.
fazendo rampas com 11% de inclinação,
em prise directa.

ERSKINE SIX

ERSKINE

E A 42

Unicos representantes para Portugal
C. SANTOS, LDA.
LISBOA: RUA NOVA DO ALMADA 80 - 2º.
PORTO: PRAÇA DA LIBERDADE - EDIFICIO DA NACIONAL.



A Aguia do Far-West ou O Vôo Nova York - Paris

O aviador Carlos Lindbergh no seu aparelho munido com um unico motôr Wright fez a travessia de New York a Paris n'um percurso de 7.000 kilometros, em 34 horas de vôo.

N'este como em outros raids a lubrificação desempenhou um papel de importancia capital.

Nenhum erro era admissivel, tanto mais que o aparelho tem um unico motôr.

O menor desarranjo era o perigo instante, era a morte nas águas do Atlantico.

Conhecedor disto o aviador Carlos Lindbergh confiou á Vacuum Oil Company todos os problemas relativos á lubrificação.

Gargoyle Mobiloil «B» foi o oleo vendido para este raid. Este oleo é exactamente egual em qualidade aos oleos Gargoyle Mobiloil que se encontram á venda em Portugal inteiro, para a lubrificação de automoveis. A lubrificação scientifica cumpriu a sua missão.

A Vacuum Oil Company está em contacto directo e constante com os progressos do aeronautica assim como tem colaborado desde o inicio do desenvolvimento do automovel.

Gargoyle Mobiloil não é só o oleo de absoluta confiança é tambem o mais barato não por litro mas por kilometro ou por ano.

Mobiloil

Guie-se pela nossa Tabela de recomendações

Vacuum Oil Company

Rua da Horta Séca, 15-17 - Telefone Trindade 980 (7 linhas)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIP. DA EMPRÊSA
DO ANUARIO COMERCIAL
P. dos Restauradores, 24-Lisboa

ILUSTRAÇÃO

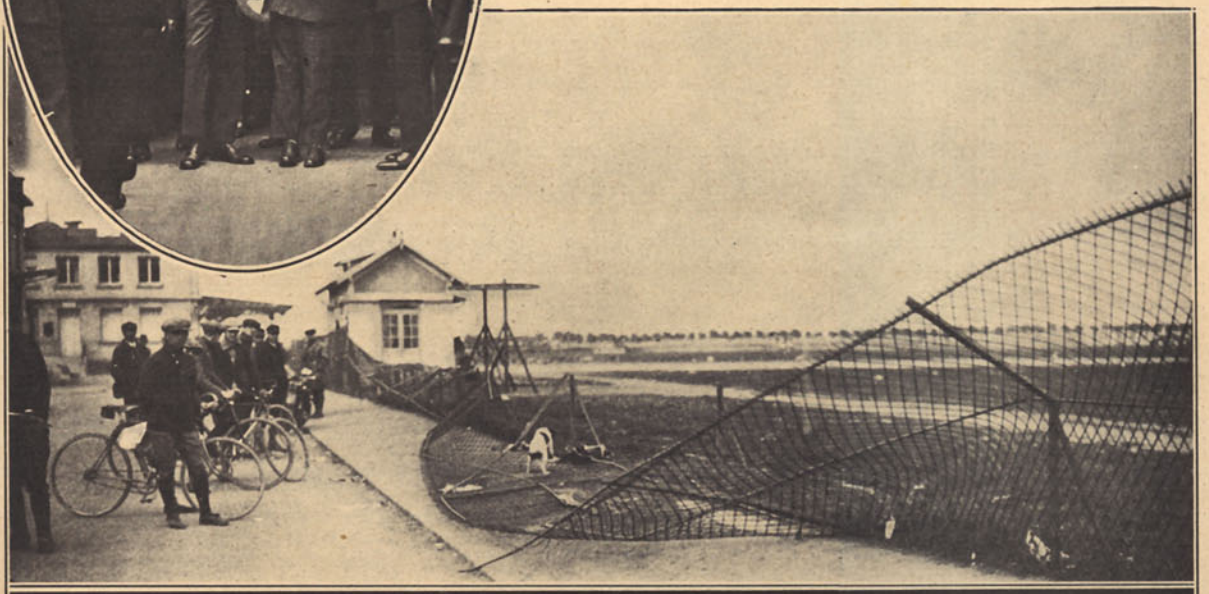
Propriedade e Edição:
AILLAUD, L.DA
R. Anchieta, 25 — Lisboa

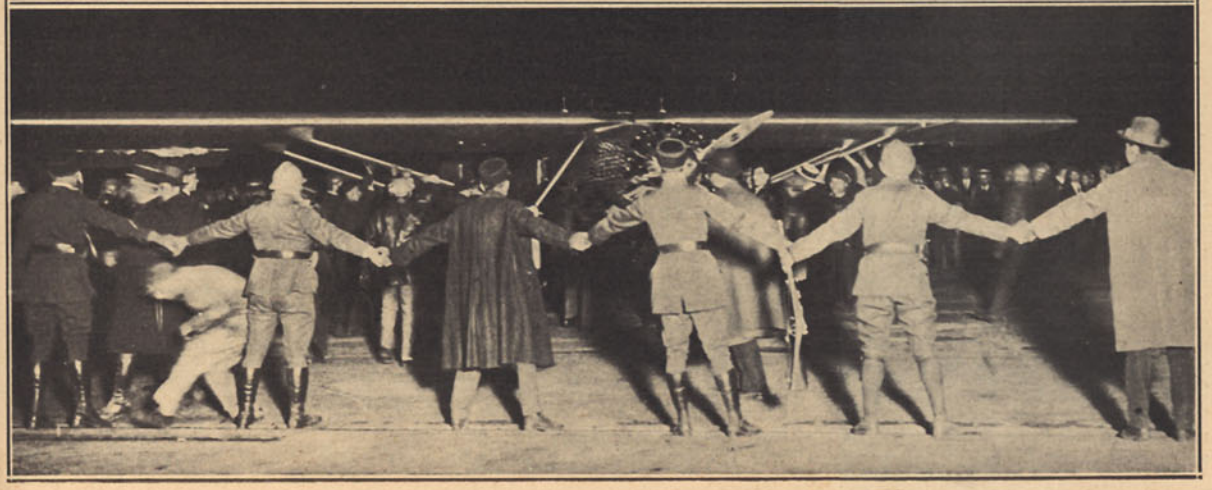
DIRECTOR: JOÃO DA CUNHA DE EÇA
DIRECTOR TÉCNICO: FELICIANO SANTOS

ANO 2.º—NÚMERO 35 PUBLICAÇÃO QUINZENAL 1 DE JUNHO DE 1927

MAIS DE 30 HORAS SOBRE O ATLANTICO

Na manhã de 21 de Maio findo, em Nova York, Lindbergh, comandante da aviação da guarda nacional de Missuri, largava para a travessia do Atlântico sem escala. Sòzinho, sôbre a imensidade do Oceano, resistindo à fadiga, ao atordoamento causado pelo ruído do motor, a uma alimentação precária, sem abandonar as *manches*, o jovem norte-americano manteve-se 34 horas no ar, cobrindo vitoriosamente 6.728 quilómetros. Chegado a Le Bourget, nos arredores de Paris, a multidão que o esperava, emocionada, derrubou o gradeamento do aeródromo e assaltou o aparelho para lhe arrancar pedaços que servissem de recordação, tendo sido preciso, como se verifica por uma das nossas gravuras, organizar um serviço de defesa. As aclamações populares não deixaram indiferente essa grande criança que é Lindbergh, denominado já a «Aguia do Far-West», mas três actos êle pôs antes de todos, antes mesmo das homenagens a que tinha direito e queriam tributar-lhe: visitar a mãe de Nungesser (no oval, o aviador abandona a casa da pobre senhora) e a de Coli, desaparecidos para sempre quando tentavam igualmente a travessia do Atlântico; e prestar homenagem ao Soldado Desconhecido. Em poucas horas, pela audácia, pela bravura e pelo sentimento, Lindbergh apoderou-se da alma da França.





NA CAPA: — O retrato de Miss Carnegie, pelo notável pintor Laszló

CRÔNICA DA QUINZENA

Poucas cidades haverá no mundo em que se exerça menos a tirania da moda, como Paris. Esta convenção, amável e todavia despótica, com o seu quê de ecuménico, que em tal altura do ano determina que os chapéus das mulheres sejam estirados como tubos de chaminé ou rebatidos como cascos de guerra, que as mangas sejam à Pompadour ou as golas à Dubarry, que inutiliza guarda-roupas inteiros e arruina amanuenses honrados, essa convenção em Paris é letra morta. Há preceitos de natureza geral, que constituem o que mais tarde se virá a chamar a indumentária do nosso século, que Paris lançou, consagrou e observa fielmente. Por exemplo, está assente que as saias cada vez se encurtem mais; de princípio mostrava-se o artelho, agora desvenda-se a perna tôda, até acima da rótula. Por outro lado os decotes descem, e é provável que dentro de pouco, mantendo-se a progressão, as mulheres fiquem reduzidas à parra, que os escultores pudibundos punham nas estátuas nuas e, mercê da qual, nossa mãe Eva deu provas de que a vergonha era um sentimento com que fôra castigada a sua rebeldia.

A higiene, ao contrário de S. S. o Papa, aconselha estas subtracções no trajar. Parece que os raios benéficos que há no sol imunizam a pele contra determinados bacilos, amantes das sombras. Assim deverá ser, não sendo menos certo que as belas e vivas anatomias dão alegria e saúde aos olhos que as vêem. Mas se o nu feminino triunfa não é pelo que tem de salubre em si e tónico ao alcance de todos, mas pelo que encerra de beleza e galantaria para nossos olhos.

Este nu, por ora modestíssimo, longe do nu casto dos pretos, do nu inocente do Paraíso, do nu despreconcebido dos helenos, entrou nos costumes e não há casuística moral ou religiosa que o consiga abafar. A êste, como directiva geral na vestuária, se rendeu Paris omnímodamente.

A moda pequenina, particularista, que manda dilatar ou apertar mangas, pôr ou suprimir rendas, emplumar ou desplumar os chapéus, arrebicar ou simplificar os enfeites, essa desdenha-a Paris. É facto que as gazetas a preconizam, a descrevem ponto por ponto, a desenham em tôdas as linhas. É facto que essas subversivas e especiosas revistas a lançam... mas para o estrangeiro. São como os romances de literatura *badine*, apenas para além fronteiras. Como poderiam manter-se tantas e tão onerosas publicações, senão dando tratos à fantasia, que é como quem diz à tesoira, inventando e imaginando? Porque é uma fábula, uma faceciosa e por vezes trágica fábula, essa que leva o correio de Paris pelo mundo fora, até onde haja vaidade e loucura. A revista de modas, com chancela de Paris, presta a menina cândida da Baixa, a sinhazinha do sertão, a miss ruiva, filha do rico presunteiro da Flórida, imoderada e incontemplativa vénia. Uma vénia e um respeito igual à dos nossos antepassados pelo «está escrito». E eis a menina, a sinhá, a *chica*, a cortar, a alterar quando lhe é possível alterar, a cobiçar, com uma conformidade, santo Deus, que faria o ideal numa seita religiosa. Que heroísmo, menoscabado, o dessas cabecinhas crédulas e dessas algibeiras, varridas algumas até o cotão!?

A verdade verdadinha é que a parisiense e, dum modo geral a mulher elegante, despresa êsses articulados dos costureiros. Vestir bem é na mulher, mais que tudo, dar realce às graças naturais. E adoptar o talhe que mais convém à estatura, a côr que melhor harmoniza com a tez, o arranjo que vinca e avantaja um «tipo». Submeter-se servilmente a leis eventuais, seria abdicar da sua «maneira de vestir» mais idónea. Não é absurdo que uma matrona nutrida use saia travadinha, e uma menina osseânica, esquelética, traga os braços ao léu?

A parisiense o que melhor conhece dêste mundo é o seu físico. O seu físico com o que tem de mais formoso e de menos favorecido. Mal adquire em pequenina o sentido de preensão, o seu primeiro gesto é para o espelho, como do gato para a bola. Passa metade da existência ao espelho e estuda-se objectivamente, como o sábio estuda a composição dum corpo. Dêste longo e aturado trabalho extrái todo um compêndio de noções e de regras seguras para vestir com propriedade, rir com encanto, pisar com donaire. É um animalzinho complexo e inteligente uma parisiense. E porque o é, não será ela que se resigne aos ukases particularistas da moda, diminuindo-se ou sofrendo quebra no seu bom tom.

Essa moda, que daqui sai às cabazadas, é única e exclusivamente para uso de estrangeiros. Não é obra duma academia, mas duma caterva de gente que vive de riscar moldes e cortar padrões, tão arbitrariamente como se fazem garatujas no papel. — *Tiens!* — dirá a desenhadora da grande casa P. do Boulevard dos Italianos — *Voilá un machin rigolo! Ça va faire du succès.*

E eis um estilo novo nos casacos, que não teve apenas êxito, mas causou furor por todos êsses burgos e vilórios do universo. Assim se lança a moda, tão desprendidamente como Deus lançou as esferas pelo espaço.

Claro que para a burguezinha, amiga de luxar e garrida, para o marido enamorado ou palonço, a moda acompanha-se dum imperativo, desrespeitado o qual, se não é civilisado ou mesmo pessoa de bem. É uma coisa que vem lá dos horizontes olímpicos de Paris, com o seu quantum de hermética, e não há remédio se não submeter-se a essa tirania. Esta é, porém, uma das mais caras e mais indignas escravidões do homem moderno. Mas porque se não analisa o seu mecanismo, aceita-se com uma leviandade ou grandeza de alma, que será para fazer pasmar o homem do século XXX, crítico dêste mirabolante século.

O sexo forte, em matéria de modas, não vai além do quotiliquê: calça à bôca de sino ou esticada; gravata com mais côr ou menos côr; luvas côr de canário ou burro a fugir. Um senhor de Valeffe pretendeu lançar o calção, qualquer coisa entre a *culotte* tiroleza e as pantalonas dos campónios de zarzuela. Conseguiu ainda que uma vitrine de afamado alfaiate lhe exibisse a prodigiosa invenção. Vi um só homem passear-se desta guisa; caminhava melancólico e pouco seguro de sua pessoa; devia ser o próprio sr. de Valeffe.

Pois nesta corriqueira Babilónia a mulher traja como quere e não como manda a moda. A razão talvez seja porque veste para agradar ao homem, que não se importa absolutamente nada com as especulações do sr. Paquin. Em Portugal, a mulher veste para *épater* a mulher. Só em Portugal se usa o *lorgnon* e o *lorgnon* é um instrumento que as damas assestam preciosamente para a *toilette* das damas. A senhora francesa importa-se tanto com a sua semelhante, como com os preceitos secundários da moda; a moda, traduzida em miudezas, é *ad usum barbari*.

Paris.

AQUILINO RIBEIRO.

ACTUALIDADES

A embaixada de Espanha celebrou o 25.º aniversário da coroação de Afonso XIII com uma recepção a que compareceram o govêrno, o corpo diplomático e altos funcionários

Há dias, o sr. ministro da França e sua esposa comemoraram as bodas de prata. O sr. Núncio Apostólico resou uma missa, em acção de graças na Capela da Nunciatura, á qual assistiram apenas alguns intimos

No dia 8 do mês findo, no Instituto dos Pupilos do Exército, realizou-se um baile a que concorreram elegantes senhoras, e que marcou pela alegria e pela mocidade. A meio da tarde, foi servido um chá

ACTUALIDADES

No dia 12 do mês findo, os estudantes de medicina de Lisboa realizaram uma corrida de touros na Praça de Algés. Enquanto raros demonstravam qualidades para a arte, o maior número deu hilariantes trambolhões

No número dos festejos de fim de ano lectivo, realizados no Colégio de Portugal, ao Dafundo, em 14 de maio findo, figurou uma concorrida sessão literaria

Acompanhando a Volta Ciclista a Portugal, o automóvel Dodge demonstrou excepcionais qualidades de resistência e de regularissimo funcionamento, a pesar do mau estado das estradas

No oval: — Na quinta da Musgueira, realizou-se o V Concurso Inter-Patrulhas, da zona de Lisboa, da Associação de Escoteiros de Portugal. O nosso cliché representa um interessante grupo de escoteiros, bivacando

ACTUALIDADES

No Club Portuense, em comemoração do seu 70.º aniversário, realizou-se, no domingo, 21 de maio, um elegante baile

Há dias, no Teatro de S. João, no Porto, um distinto grupo de amadores representou a «Primerose», de Flers e Caillavet, em benefício duma instituição de caridade

No oval: A *Semana da Criança* foi celebrada em todo o país com diversões para os pequenitos das escolas. No jardim portuense de S. Lázaro, um menino, vestindo como o palhaço Little Walter, fez rir os seus companheiros com mil facécias

SOCIEDADE ELEGANTE

UM CASAMENTO ARISTOCRÁTICO

No dia 15 do último mês, na igreja de S. Sebastião da Pedreira, celebraram-se os casamentos das sr.as D. Maria Helena e D. Maria Adelaide de Aragão Monteiro, filhas da nossa ilustre colaboradora sr.ª D. Helena de Aragão e do sr. dr. Mario Monteiro, respectivamente com os srs. Afonso Rodrigues de Almeida Correia e Valerio Rodrigues de Almeida Correia

Na capela da Quinta do Ramalhão, em Sintra, efectuou-se, no dia 12 de maio, o casamento da sr.ª D. Maria Benedicta Portocarrero de Almeida Coutinho, filha da sr.ª D. Maria Pinto Pizarro da Cunha Porto-carrero de Almeida Coutinho e do sr. Dr. Albano Guedes de Almeida Coutinho, com o sr. Eduardo Pinto Leite, filho dos srs. Viscondes dos Olivais. Foi celebrante o sr. bispo de Trajanopolis e assistiram algumas das mais aristocráticas famílias portuguesas. As meninas Maria da Piedade Anjos Pinto Leite e Maria Helena Pinto Leite de Melo Breyner, vestidas graciosamente, pegaram na cauda da noiva sua tia

SOCIEDADE ELEGANTE

Na escadaria do palácio do Ramalhão, um elegante grupo de convidados ao casamento da sr.ª D. Maria Benedicta Portocarrero de Almeida Coutinho e do sr. Eduardo Pinto Leite (Olivais)

Na quinta da Alameda, ao Lumiar, realizou-se uma *verbena* de caridade, promovida por uma comissão de senhoras, que foi largamente concorrida

A disputa da Taça Davis fez reunir nos *courts* do Sporting uma multidão elegante e apaixonada pelo *lawn-tennis* que seguiu atentamente as fases do jôgo entre os *equipiers* portugueses e alemães

LAWN-TENNIS

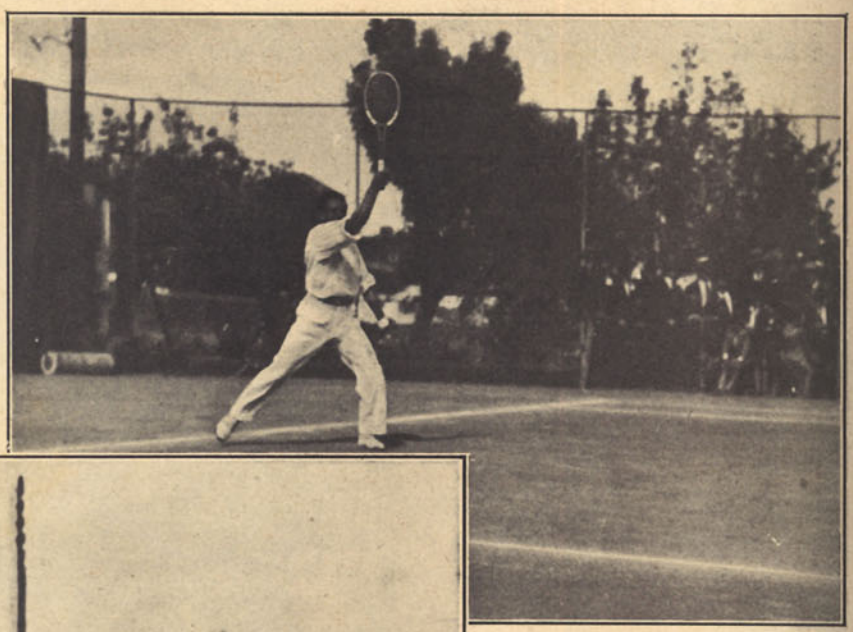
Nos «courts» do Sporting Club de Portugal, realizou-se o encontro Portugal-Alemanha para a disputa da Taça Davis.

A tiragem à sorte não nos favoreceu pois que a Alemanha é hoje considerada como a nação europeia onde melhor se joga, depois da França.

Com um pouco de sorte e sôbre tudo com mais regularidade de jôgo e mais cabeça, os nossos jogadores teriam arrancado uma vitória que teria produzido em todo o mundo enorme sensação.

Os jogadores alemães não nos convenceram pelo jôgo que fizeram, tendo apenas Moldenhauer deixado a impressão, de ser mais forte que os nossos jogadores.

E mesmo assim, Verda no seu «match» contra êste jogador, campeão da Alemanha, teve 2 partidas de vantagem contra 1 do alemão e com mais resistência física podia ter ganho o encontro.



Um «drive» de António Casanovas

Um «smash» de José Verda

No primeiro dia de jogos, Verda tinha tôda a obrigação de vencer Damasius que, é sem dúvida mais fraco jogador que o nosso campeão. A sorte porém não nos favoreceu e até o tempo nos veio prejudicar grandemente fazendo com que Verda se deixasse impressionar com êste contratempo de que ninguem tem culpa... Isto não desculpa de maneira nenhuma a falta de vontade com que Verda jogou, sobretudo, depois de ter ganho fàcilmente a primeira partida.

Casanovas jogou contra Moldenhauer tendo feito um bom «match». Perdeu porque o seu adversário é mais jogador, mas perdeu bem. O primeiro dia de jogos devia pois ter terminado com um empate de 1 vitória de cada lado.

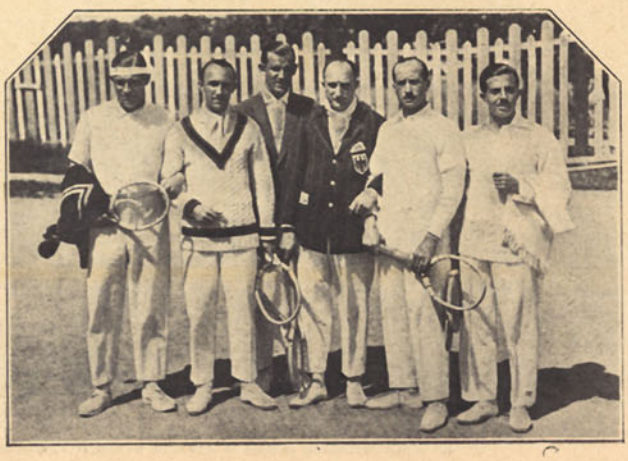
No segundo dia jogou-se o «doubles» e aqui devia Portugal ter obtido a sua segunda vitória. O par alemão jogou mal, notando-se claramente a falta de entendimento entre os dois parceiros.

É claro que neste último dia da prova, os alemães tendo já ganho o encontro jogaram à vontade e confiados, o que não aconteceria no caso de os portugueses terem vantagem de pontos.

Casanovas, no seu «match» contra Rahe, jogou por vezes brilhantemente e deu-nos a impressão de que bateria o seu adversário que, diga-se de passagem, não lhe é superior em jôgo.

De tudo que acabamos de escrever, depreende-se fàcilmente que aos nossos jogadores falta-lhes sobretudo a prática de jogos de responsabilidade, onde a cabeça tem um papel mais importante ainda que o jôgo propriamente.

Felicitemos vivamente a Federação Portuguesa de Tennis, pelo muito que tem trabalhado e pelos brilhantes resultados que tem obtido, como fruto dos seus esforços que tanto são para louvar.



As duas «equipes» que tomaram parte na prova

HIPISMO

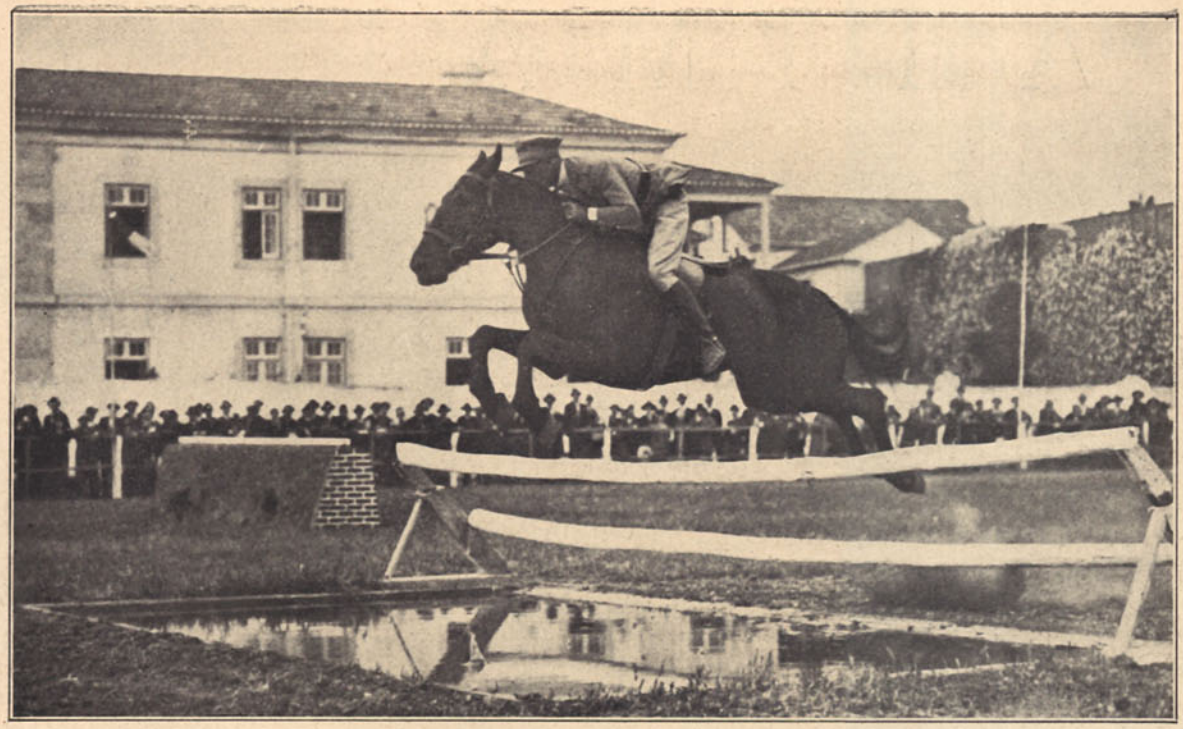
Realizou-se mais uma vez o Concurso Hipico Internacional de Lisboa, que é sempre um acontecimento desportivo que marca, pela bôa qualidade dos concorrentes que nêle tomam parte.

Os portugueses praticam êste «sport» como os melhores do mundo e tanto em Portugal como no Estrangeiro marcam sempre pela sua bôa classe e sólidos conhecimentos.

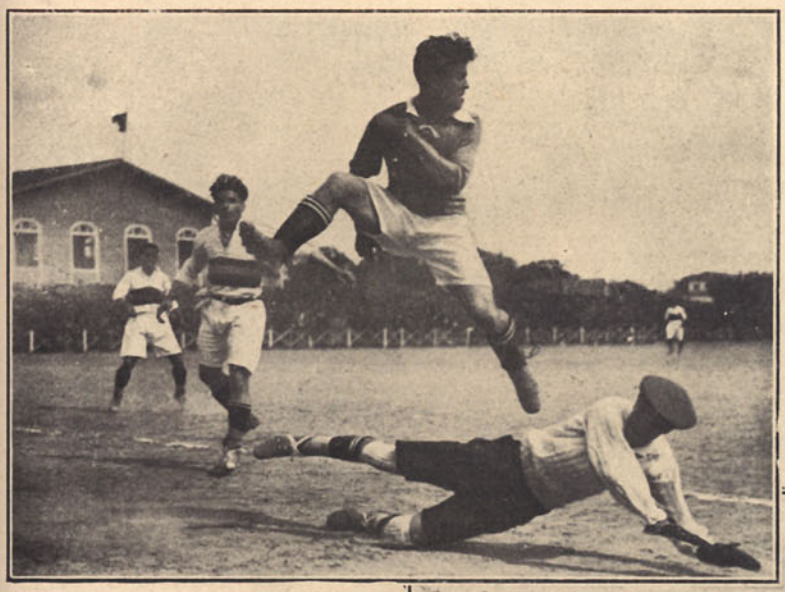
No próximo número publicare-

ALBERTO SOUZA

SERRELEIS — A BARCA DO PORTO



Um magnífico salto de um dos concorrentes na «Omnium»



O defesa espanhol Olaso alivia o seu campo

mos o resultado das diferentes provas disputadas êste ano.

FOOT-BALL

Mais uma vez se disputou o Lisboa-Madrid militar e para não fugir à regra, os militares da guarnição de Lisboa venceram os da de Madrid.

O desafio em si não tem história nem crítica, pois que o dominio dos portugueses foi de tal modo nitido que tirou quási todo o entusiasmo à disputa da vitória.

Lisboa ganhou por 2-1 como poderia, ou melhor, como deveria ter ganho por 4 ou 5 goals de diferença.

A assistência foi formidável, tendo-se jogado sempre com grande correcção de parte a parte.

CICLISMO

Terminou a 1.ª volta a Portugal, tendo-se verificado os seguintes resultados na classificação geral:

1.º António Augusto de Carvalho em 79 h. 8 m. 0 s.

2.º Nunes de Abreu em 79 h. 17 m. 31 s.

3.º Quirino de Oliveira em 79 h. 27 m. 4 s.

Os corredores foram aguardados à chegada por uma multidão enorme que os ovacionou com entusiasmo, facto êste que vem mais uma vez demonstrar a grande popularidade do ciclismo, que conta entre nós um grande número de amadores.

É digno de louvor o esfôrço dos organisadores, os nossos colegas *Diário de Notícias* e *Sports*, a quem enviamos as nossas felicitações pelo êxito obtido.

Os dois grupos com os respectivos treinadores e capitães

FÁTIMA

No dia 13 do passado mês, em Fátima, realizou-se a grande peregrinação anual. Na Cova da Iria, reuniram-se milhares de pessoas, comovidas pela sua fé, pedindo a intervenção da Senhora do Rosário para si, para parentes e amigos que uma enfermidade atormenta. Deitados em enxêrgas (medalhão de cima) doentes que os médicos abandonaram, esperavam um milagre. Almas simples de camponesas (oval, em baixo), resaram, de joelhos, horas e horas seguidas, com convicção e recolhimento. A procissão das velas (em cima) desdobrou-se como uma fita imensa, donde se erguiam preces e clamores; e de manhã, diligentes sacerdotes distribuiram a comunhão a mais de 10.000 romeiros

POR ÊSSE MUNDO

A complicada política internacional pôs em foco a Albânia, país sôbre o qual convergem, especialmente, as atenções da Itália. É tradicional a efervescência guerreira dêste povo, sempre em hostilidades com os povos limítrofes ou empenhado em lutas internas. O seu exército tem uma organização regular, como o mostra a gravura da esquerda, mas ao instinto guerreiro dos albaneses não basta a existência da fôrça armada, multiplicando-se no território as guerrilhas de «malissores», experimentados na luta das montanhas, que empunham com igual denodo a carabina e o guarda-chuva

Um recente ritual católico colocou os automóveis sob a protecção de Santa Francisca Romana. Os automóveis de Roma, que acataram a nova protectora, deslizaram perante o venerável Arco de Tito, que se ergue numa das praças da Cidade Eterna, a fim de receber a bênção do novo ritual. É curioso o destaque das elegantes viaturas modernas sôbre o fundo da sólida arquitectura do arco, preciosa relíquia da velha Roma dos Césares

Cliché ENIT.

QUILÓMETROS DE TELA, VAGÕES E VAGÕES DE PEDRA

CAVRON — A princesa N.

Nesta hora não há galeria, não há *marchand de tableaux*, não há sala pública que não exponha o seu artista, as suas *croûtes*, os seus mestres. É uma inundação de arte, como a cheia do Mississipi. Os interiores não bastam, e trasborda para a rua, planta-se no nosso caminho, impondo assim, à má cara, o seu direito à contemplação. Há obra de semanas era todo o alto do Boulevard Saint Michel, desde o Odéon ao Val de Grâce, coalhado de marinhas, com águas e céus do primeiro dia do Génesis, retratos de senhores sérios, com olhos vermelhos e nariz verde, de *garçonnes* afadistadas, de meninas pudibundas, e muito parecidas, a cheirar ao *pot-au-feu*. Há pouco era a simpática Horda de Montparnasse que invadia o *marché aux navets* do Boulevard Raspail exibindo suas mil pinturas e pinturecas, com *jazz* e canto de permeio. E era curioso ver desfilar Paris, grave, tão gravemente como se estivesse no Louvre, por entre as duas linhas de quitandas, de biombos, de árvores, a que estavam dependuradas as obras gloriosas dos gloriosos artistas da *Rotonde*, café, poiso, locanda, caravanserai de todos os escultores e

MARTIN-FERRIÈRES — Dranem.

pintores do mundo. E não era menos singular ver a parte cigarra de Paris alinhar em roda e cantar ao som endiabrado de um *jazz*, com banjo e harmónio o «canto de guerra pacífica» da Horda:

Gens de sac et de corde,
La horde
Comme un flot qui déborde
Envahit la cité.
Au diable la tristesse
Et vive la santé,
Les yeux de nos maîtresses,
Leurs nichons bien plantés.
Raseur, qu'elle te morde
La horde
Et chante la concorde
Et la fraternité.

E na tarde dulcíssima de domingo, raparigas fôram chegando, e de seus lábios pintados a canção desprendeu-se, tomou acento, e foi, diante da obra excomungada da Horda e dos prédios burgueses, solenes e basbaques, um céu aberto com anjos de mistura:

Nous sommes paillards et grivois
Sans vergogne;
Plus d'un mari quand il nous voit
Se renprogne

Por orgulho, por diabólica contumácia em seus processos, aqueles artistas vinham pedir o seu *placet* à «rua». E a «rua» viu, admirou, comprou, cantou, e só não bailou por já não haver graça no bailar.

Em verdade, não obstante o presidente daquele *clam* ser o escultor Fernand Dubois, representado no *Salon* com a obra mais comedida dêste mundo, não obstante o talento de alguns e a originalidade de quási todos, o melhor local para exporem era aquele. Não era aquele estatuário de madeira, alma de lenhador, com anões pançudos e gigantes à *papa Fouettard*, nem aquele pintor russo, apertado num *maillot* de lã, com nus terrosos à Miguel Ângelo, que forçaria as portas de ferro forjado do *Grand Palais*. O *Grand Palais*, com os seus dois salões, *Artistes Français* e *Nationale*, perdura o refúgio de tôdas as tradições. Ali pontificam os mestres da elegância contemporânea, os Crayon, Hue, Martin-Ferrières, de que a *Ilustração* dá testemunho. Estes são os artistas, por excelência, daquela babilónica e inaudita casa, os símbolos. É diante dêles que o público, como diante da Gioconda e da Venus de Milo, estaca e medita. São êles os pintores oficiais das belas madamas da Étoile, pois que o *faubourg* Saint Honoré já não conta, das amantes dos banqueiros e das vedetas do teatro e do cinema. São os *rapins devenus rupins*. Que assim é, basta saber-se que a sala 1 serve simultâneamente para as conferências dos grandes costureiros de Paris. Dia a dia Paquin, num estrado erguido adrede, ali faz mover as suas belas *manequins*, arreiadas da última moda, como hacanéias num circo. Ali, êle próprio discreteia sôbre *chiffons* para um público variegado e snobs, sentado atentamente em banquetas de veludo.

Seria injusto supor que a êstes artistas do chique se resume a obra dos dois salões.

Há ali de tudo, sem que seja razoável procurarem-se ali tentativas audaciosas de arte ou sensibilidades estranhas. Mas não escasseiam ali pintores, não destituídos de senso modernista, filtrado através de velhas fórmulas. E não é raro encontrar ali pincéis, maravilhosos de técnica, que se impõem pelo bom gôsto e por esta ou aquela faceta. Henri Martin, não obstante se não deslocar do divisionismo, que se tornou quási um estilo clássico, mantem-se fiel aos *Artistes français*, e é um soberbo e maravilhoso pintor. O seu tríptico — Vindimas — não perde com a vizinhança.

Outro tanto se podia dizer de Bompard, Pierre Laurens, Clement Serveau, Chabas, Finez, Marcel Baschet, Biloul, o inglês Eves, o russo Wolkonsky, que com o *Nain d'Ascain* se revela um artista de raça, Margueritte Pauvert, cheia de harmonia e firmeza.

As mulheres, nesta exposição, competem em número e qualidade com os homens. Além de societárias por direito que vem de longe, alcançaram agora prerrogativas de eleitoras. Este é um dos aspectos novos do salão. Outro consiste no incremento, e por ventura no progresso, que acusa a estatuária. A guerra trouxe um período de vacas gordas para a nobre arte do cinzel. Ainda abundam por lá as *glórias*, as *pátrias*, as *vitórias*, e tôda a simbólica velha e revelha do nacionalismo. Mas, a par com isto, sente-se um vigor novo, muito apreciável. Uma das suas tendências é procurar assunto no animalismo. A fauna terrestre vê-se, assim, ali bem representada, desde o macaco, que já não é nosso pai, mas apenas nosso primo, segundo a moderna sciência, até a serpente, esta muito à moda, nos sapatos e sacos para madamas.

Numa palavra, o Grand Palais é para artistas sérios, *médaillés*, e com atelier no *Champ de Mars*. Não vai para lá quem vive um pouco *à la belle étoile*. Êsses gritam na rua:

Que nous soyons sculpteurs, rapins
Ou poètes
Nous voulons faire de «demain»
La conquête

E nisto se resume vida e arte. Uns dominam; outros querem dominar.

EUGÈNE HUE — A estampa

Paris, 14-V-1927. A. R.

RAQUEL MELLER

Que pena a tonadilha espanhola ser, como de resto a sua irmã portuguesa, coisa em geral de tão mau gôsto, de tão falso sentimento, tão *cursi* como diriam os castelhanos, tão *pires* como dizemos nós, os portugueses. Grande pena, repito, pois enquanto à letra dos versos, miserável de pretensão, falta aquela simplicidade e frescura que é pedra de toque nas pequenas obras-primas do gênio popular, as Tonadilheiras são pelo contrário, artistas admiráveis, e tôda a graça de que é picada essa galante e bárbara animula das Espanhas, tudo o que há de apaixonado e generoso, de malicioso e de pícaro, de feroz e primitivo no sangue dêsse povo originalissimo, — tudo isso, as desenvoltas fadas da Tonadilha, no-lo dão nas labaredas de pequeninos quadros que por um instante vivem e ardem ante os nossos olhos, e num instante se apagam e morrem, mal nos deixando na memória a cinza leve da terna *musiquilla* que lhes serviu de acompanhamento.

Que distância entre estas e as cançonetas de França, pequenos dramas, trágicos por vezes, como *le pauvre gars*, outras, de tão gentil ironia como a do chibantíssimo *cocu*, em que através da ligeira e simples tecedura dos versos, tôda a alegria de viver dêsse admirável século XVIII transparece, não sendo talvez excessivo arrôjo afirmar que no fundo de cada trova vivem já Mr. de Voltaire, Jean Jaques e Diderot.

Depois dos nossos antigos e belos *romances* que piedosa e inutilmente Garrett andou salvando do esquecimento, também em Portugal raro se encontra hoje cantiga que não seja absolutamente idiota na confeição, ao gôsto repugnantíssimo do público das revistas, e, se arma ao sentimento, ainda mais ofensiva pela falsificação impudente de tudo quanto para aí resta de nobre, decente e comovido no coração do português.

Pois mais uma bela intérprete das más *tonadilhas* de Espanha, nos aparece agora no «Trindade», atirada para o palco pelas mãos de dois Cavaleiros audazes, empresários Loureiro e Erico Braga, anunciada por tôdas as tubas do reclame, bem cercado o seu nome — Raquel Meller! — por todos os adjectivos delirantes: — a Divina, a subre-humana, hiper-vírgem, e não sei quantas mais palavras elogiosas com que é de uso, há tempos, acompanhar os nomes das santas e dos toureiros...

E, em verdade, bem interessante e encantadora esta cantadeira afamada, graciosa, ligeira, cigana que largou sua tribu em busca dos Parises de França, não conseguindo de todo em todo diluir nas águas do Senna, o bom sal castelhano que lhe pica no sangue, nem a nativa alegria e sentimento da terra que a viu nascer.

Se há *tonadilhas*, como a do *Relicário*, ao que me dizem por ela criado, em que representa demais, parecendo-me de melhor estilo a interpretação que lhe prestou Conchita Ullia, noutras ela atinge por vezes, graça e sentimento pouco vistos em tal gênero, bem digna a gentil mulher de tôdas as muitas palmas que ouviu... Sente-se a animá-la na sua arte, e dizem-me, que na sua vida, un *grain de folie*. Aquele *petit grain de folie* que o mui sabedor Anatole desejava a tôdas as almas bem nascidas, pois, êle o diz, torna mais alegres os corações. Que assim seja e que sua graça desenvolta e esquisita formosura não deixe muito cêdo esta nossa terra de tristes, eis o desejo de quantos a viram, ouviram e apaixonadamente a aplaudiram.

FREI CARLOS.

A ELOQÜÊNCIA E A FOTOGRAFIA

A serenidade confiante

Os progressos da fotografia teem desvendado mistérios, revelado maravilhas e resolvido problemas de visualidade cuja solução contribuiu definitivamente para o saneamento de êrros, que os maiores criadores do dinamismo pictórico e de escultura, a pesar da sua documentada observação e dos seus processos de realismo, continuavam a perpetrar na movimentação das figuras.

Assim, por exemplo, todos os pintores de batalhas anteriores à invenção da fotografia instantânea erraram os movimentos de um cavalo lançado a galope. Todos nós temos observado, diante de uma tela antiga em que o génio criador do artista lançou a pinceladas seguras a *melée* terrivel dos combates, que os cavalos das grandes cargas ou os que transportam oficiais, agentes de ligação entre os vários corpos empenhados na luta, para nos darem a impressão de rapidez e vertigem, se encabritam, espumantes e batendo o ar com as mãos incertas.

Nas telas de factura posterior à descoberta e aplicação da fotografia instantânea, porêm, os cavalos já galopam e trotam numa reprodução perfeita dos movimentos que a nossa retina e a nossa memória visual conservam da realidade. Um cavalo lançado a galope, num quadro moderno, é representado, por vezes, com as quatro patas no ar, quási juntas sob o ventre do animal. Foi a fotografia instantânea que, permitindo a descomposição dos movimentos, revelou essa atitude característica e impressiva de um cavalo a galope.

A cinematografia, levando ao máximo da perfeição a decomposição gradual dos movimentos, de forma a dar pela projecção veloz das suas parcelas o próprio movimento, mais largamente contribuiu para o conhecimento integral da dinâmica de todos os movimentos, até dos mais insignificantes e rápidos, como sejam as contracções musculares do jôgo fisionómico de uma face humana.

Um orador, em pleno vôo discursativo, pode talvez perder um pouco da sua grandeza tribunícia, analisada a sua expressão na passagem de um film *au ralenti*, mas o que possa perder em imponência ganha em sinceridade, porque a energia que cada expressão momentânea traduz permite verificar a espontaneidade dos sentimentos que ditam as palavras que estava pronunciando, no momento em que a fotografia lhe colheu em flagrante o jôgo fisionómico, revelador insofismável do pensamento.

Energia e firmeza

Como estudo para artistas dramáticos, a fotografia da declamação é um elemento precioso. A expressão, o gesto, a própria inflexão dada pelo esfôrço muscular exterior da emissão dos sons, fixa-os a fotografia por uma forma nitida e perfeita.

Nas gravuras que acompanham e documentam êste artigo, fixam-se quatro expressões de Mussolini, discursando perante as organizações fascistas. Marcam quatro pontos distantes do discurso, mas cada uma delas é tão vincada de expressão e gesto, que quási se poderia traduzir em palavras.

O *Duce*, vestindo a camisa preta simbólica, tem diante de si a confirmação numerosa e entusiasta do apoio à sua obra. Na fotografia só se vê o orador, mas nêle reflectem-se os sentimentos que animam a multidão, que o escuta, quási se diria que se vê essa multidão reunida na vestidão do *Forum* ou do Circo Romano.

A expressão risonha da primeira gravura não traduz, por forma bem nitida, a serenidade confiante, a gratidão carinhosa, o abraço à multidão dos seus cooperadores na obra considerada comum e em proveito de tôda a Nação? Não há nessa suave expressão, que a fotografia fixou, nem ironia, nem azedume, provocados pela evocação de esforços adversos de contrariedade. É calma, feliz, confiada e o gesto anda à altura do coração.

Mas já no segundo clichê a expressão se carrega de energia e de gravidade. As arcadas dos sobrolhos abatem-se numa recta dura. A bôca não sorri, antes os lábios se açusam num esfôrço muscular de palavras firmes, pronunciadas com a dureza rigida que as ideas comportam. O *Duce* traduz nessa expressão tão transparente uma firmeza de opiniões inegável. Fala, decerto, da energia a opôr aos que à sua acção pretendem opôr-se. O seu gesto é terminante, como o seu dedo duramente apontado indica. A sua atitude, o braço esquerdo fòrtemente apoiando o corpo sôbre o rebordo da tribuna, é também reveladora da mesma dominante energia.

Na terceira gravura, o chefe do govêrno italiano fala, manifestamente, do futuro e da grandeza da pátria italiana. Há na sua face uma espalhada expressão de quem visiona, os seus lábios modelam palavras grandiosas e sonoras e o seu gesto, alto e desprendido, anuncia coisas elevadas e grandiosas. É a fase da verificação das realizações e da comunicação das promessas e das esperanças.

Finalmente, na quarta fotogravura, Mussolini aparece-nos sem gestos, quási sem expressão. É a rajada final do seu discurso. As palavras bastam e que são pronunciadas com clareza e confiança mostra-o a articulação perfeita que o movimento dos lábios bem abertos indica.

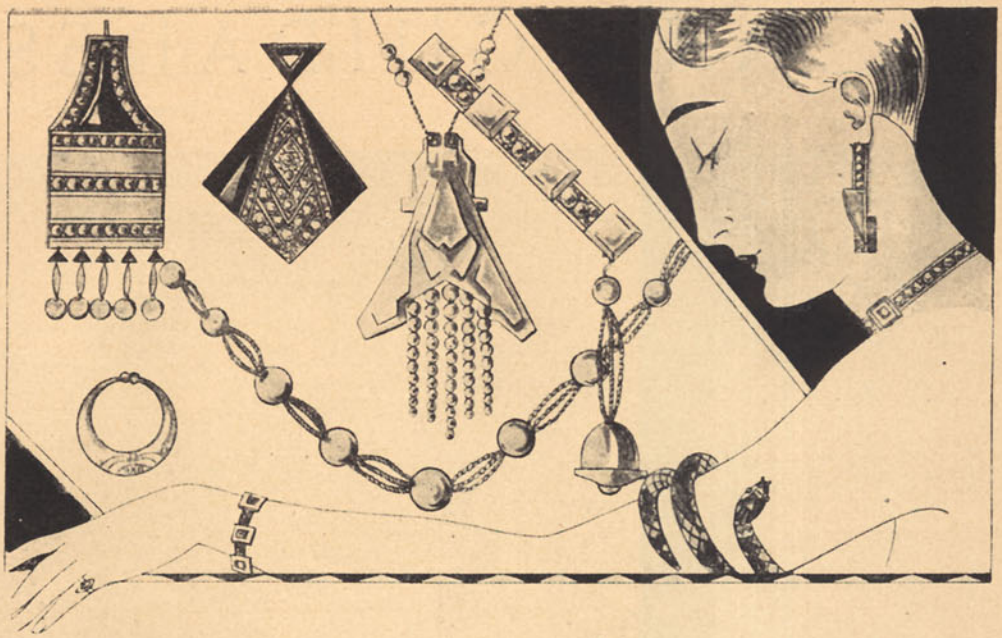
Essa rajada final já lhe não desce do cérebro à bôca: sobe do coração do orador aos lábios em catadupas. Nem traduzem já ideas essas palavras de remate, mas sentimentos bem definidos, que se comunicam pelos simples sons, sem necessidade de serem animados por gestos ou expressões, quási fórmulas, quási orações, que pelo prestigio da sua essência revivem a um simples enunciado.

Assim a fotografia, quando um dia se conseguir a sua ligação perfeita com o fonógrafo, será a grande divulgadora de ideas e sentimentos, mais expressiva e mais penetrante, certamente, do que foi e tem sido a imprensa.

Promessas e esperanças

Agrajada final

AS JÓIAS MODERNAS

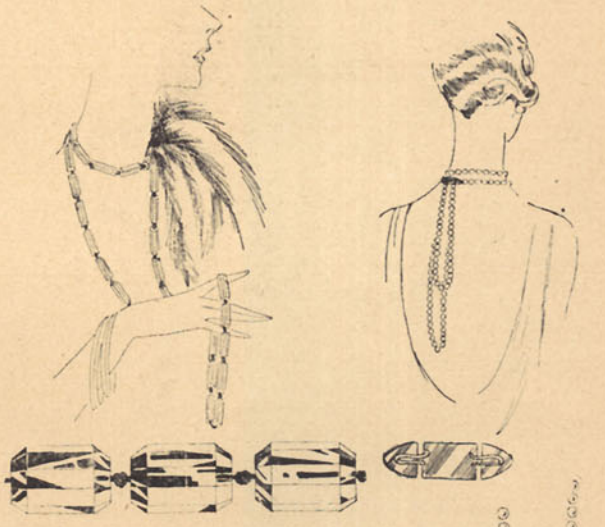


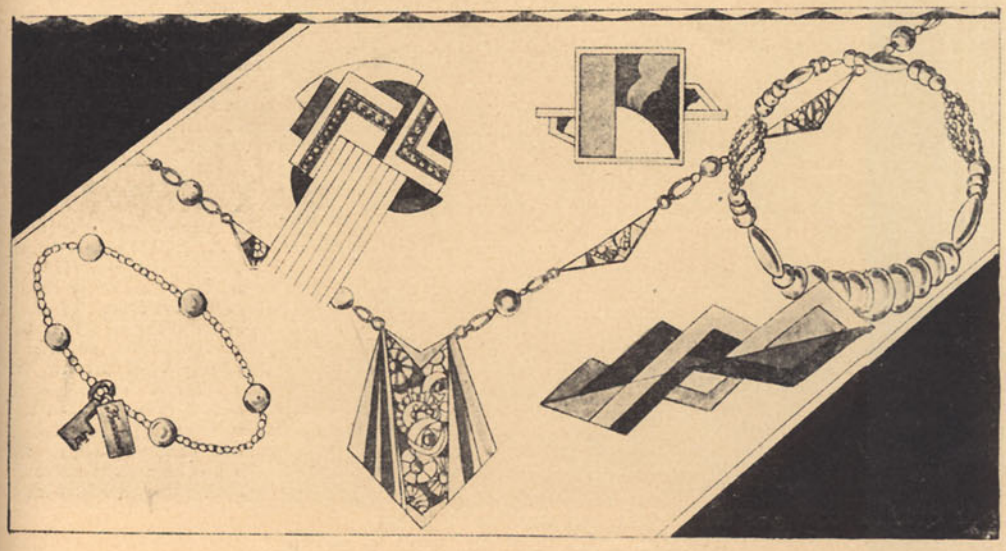
O cubismo, penetrando ousadamente nos domínios da *joalharia*, levou ali uma rajada de profunda revolução artística. Não destruiu, é certo, — e como o conseguiria?... — o estilo antigo, tão gracioso, tão delicado, tão requintadamente belo, que hoje, mais ainda do que nos tempos recuados em que foi criado e cultivado, interessa vivamente a nossa sensibilidade estética. Mas é um facto que êsse estranho cubismo, saltando por cima do espanto vagamente hostil que o acolheu nas suas primeiras manifestações, vai lentamente introduzindo a ousadia das suas formas estravagantes em todos os planos da arte, não lhe escapando à fúria remodeladora a joalharia moderna na qual marca impressionantemente a ância de ineditismo característica do perturbante período evolutivo que a sociedade actual atravessa. As jóias modernas são inconfundíveis, e constituirão, mais tarde, quando a história empreender a crítica e o registo desta época em que o progresso civilizador sofre um violento impulso evolutivo, importantes elementos de estudo.

Se alguma influência é lícito constatar na composição dêsses preciosos e tentadores objectos de toilette que definem o gôsto duma época, que polvilham de graça e opulência, ao longo das grandes cidades da Europa, através a limpidez dos cristais, as vitrines dos joalheiros, iluminando de cobiça os olhos das mulheres, sejam elas loiras ou morenas, pobres ou ricas, novas ou velhas, — é a da arte oriental.

E assim vemos hoje, acolhidos pela arte opulenta e exigente entre tôdas, elementos que, outrora foram sistemàticamente desdenhados.

A joalharia moderna admite tudo desde que lhe seja lícito tirar efeitos imprevistos de qualquer pedra, côr, metal ou forma, e é um facto, que nas jóias de hoje se observa menos preocupação de riqueza do que intuito de originalidade.





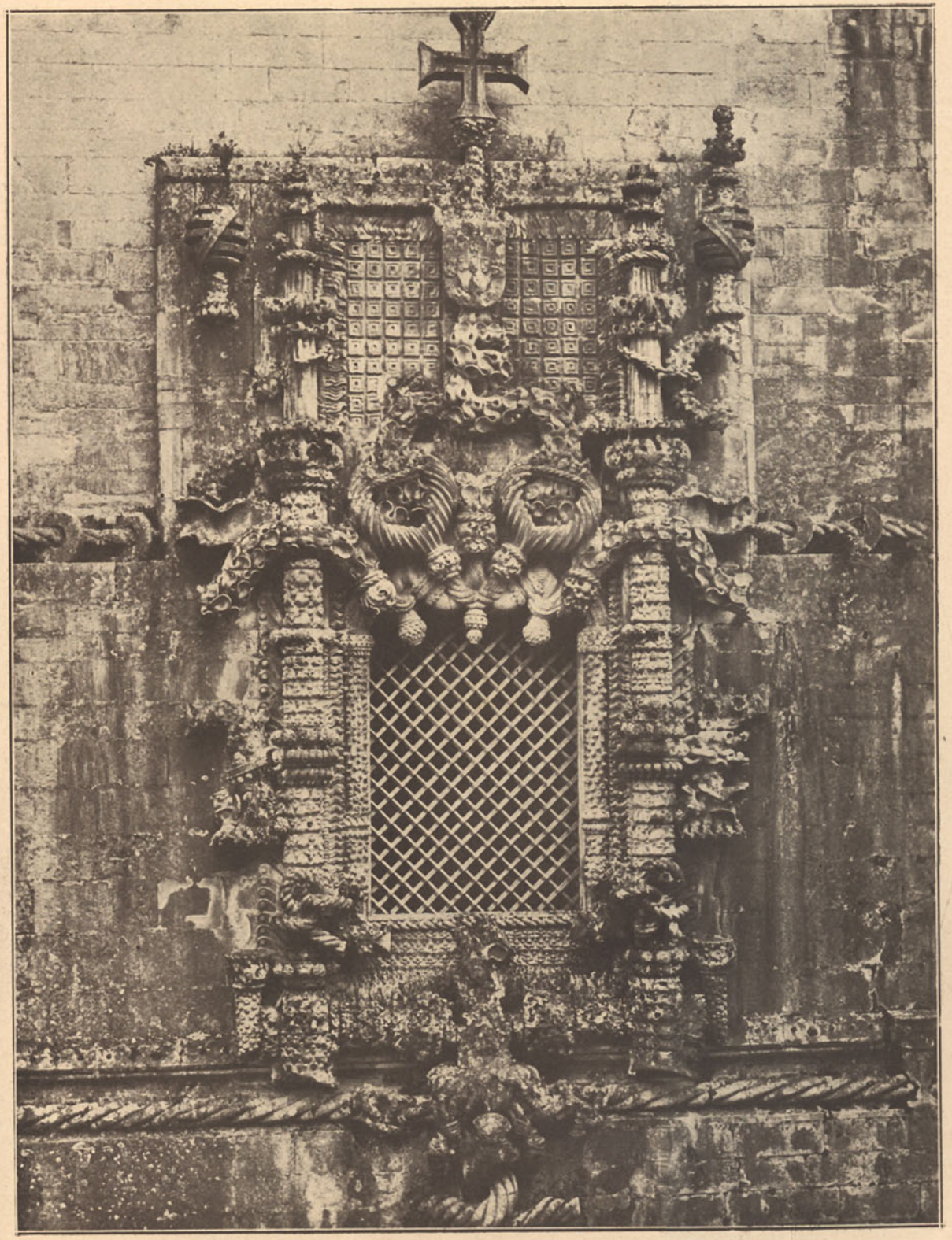
As pedras preciosas, essas que em todos os tempos custaram rios de dinheiro, continuam a figurar, pelo seu prestigioso valor; mas a par delas, sem receio de confronto humilhante, figuram nos escrínios requintadamente elegantes, outras de modestíssimo valor intrínseco, às quais a arte da cravação procura, com êxito, realce perigosamente rivalizante. É que, hoje, o bom gôsto e a originalidade, sobrelevam tôdas as preocupações de opulência.

ANTIGUIDADES

(DESENHO DE STUART CARVALHAIS)

—NÓS QUERER COMPRAR UMA COISA ANTIGA PORTUGUESA...
—SÓ SE FÔR O CÔCHE EM QUE D. JOÃO VI FUGIU PARA O BRASIL...

PORTUGAL—ARTE E PAISAGEM



TOMAR — A Janela da Casa do Capítulo no Convento de Cristo

FEMININA

O QUE A MODA PREFERE

Na sua eterna volubilidade, a moda vai desdenhando hoje o que ontem acarinhou, para àmanhã pôr de parte, prêsa dum outro capricho, o que hoje prefere e aconselha.

Até há pouco ainda, as lãs votadas ao desdém, jaziam em completo esquecimento, só ousando figurar em circunstâncias de somenos exigências de elegância.

Hoje, porém, tudo mudou.

Os tecidos de lã erguem-se ante a prestigiosa influência das sêdas, — de que se abusou talvez um pouco, — e fazem-lhe perigosa concorrência.

É que os tecidos de lã modernos, marcam um *chic*, uma distinção tão requintadamente artística, que as sêdas sentem tremer o seu trono de preferência.

Que maravilha de coloridos suaves, que estonteamento de arabescos floridos, policromos, delicadamente tracejados e esbatidos, os modernos tecidos de lã nos oferecem!

E não resta dúvida de que vencem em tôda a linha. As mais recentes criações da moda parisiense, incluem numerosíssimas toilettes feitas com tecidos de lã, tão leves e vaporosos, como os de sêda, mas mais práticas, mais juvenilmente despretenciosas do que elas. A par dos tecidos de lã, os de algodão surgem também dispostos a atingirem a primeira linha da elegância. E o caso é que as *étamines*, as mousselines e as popelines de algodão, rivalisam denodadamente com os tecidos luxuosos, seguras do favor da mulher que nestes tecidos reconhece mil vantagens sem prejuizo do *chic*.

Tudo depende do gôsto que presidir à confecção do modêlo, à escolha das côres e combinação das guarnições.

De resto, quando um sentimento estético liberto de convencionalismos e imposições dogmáticas, e um bom gôsto inteligente, são chamados a conselho pela mulher, ao tratar-se da combinação duma toilette, o êxito da elegância é certo, embora os elementos de execução que lhe sejam facultados pertençam à categoria dos modestos, dos que não foram concebidos para deslumbrar...

AS FEIRAS

EM S. PEDRO DE SINTRA. — Dois característicos aspectos da feira

OS QUADROS

Aspecto da sala do Museu Nacional de Arte Antiga em que foram expostos os retratos da familia Carnegie

O triunfo de Laszló, como o de todos os grandes e verdadeiros artistas, explica-se por essas duas fôrças maiores do que nenhumas outras, a vocação e o trabalho. Contrariado pela família que o destinava a outra carreira que julgava mais nobre, Laszló, que podia ter tido uma mocidade fácil, sacrificou-se ao seu ideal, vivendo durante anos, e dificilmente, de pequenos e inglórios trabalhos artísticos. Acabou porém, à fôrça de energia, por triunfar e subsidiado pelo govêrno hungaro e pelos «amigos da arte», de Budapest, pode ir estudar, em melhores condições, primeiro na Academia de Munich e, mais tarde, em Paris, onde foi discípulo de Lefébre e Benjamin Constant.

Com uma extensa galeria, que é todo um mundo, ou seja o mundo da aristocracia da raça, do talento e do dinheiro, há na sua obra telas de maior ou menor importância, desde grandes composições, como o suntuoso retrato da princesa Dietrichstein, com as melhores qualidades do género, até às simples cabeças rápida e nervosamente esboçadas, naquela maneira sóbria, brilhante e incisiva que lhe é peculiar, como o magnífico retrato de D. Carlos, unica imagem verdadeira que possuimos dêsse nosso Rei. Realizadas sob um ou outro aspecto, tôdas porém se impõem, tais são as qualidades do artista e a probidade com que sempre trabalha.

Prêso algum tempo à virtuosidade do seu último mestre, Benjamin Constant, Laszló, depressa se libertou dessa influência e como os seus dons são maravilhosos e os seus meios técnicos, por assim dizer, absolutos, o artista conseguiu um individualismo que, com o seu gôsto perfeito, dá às suas pinturas um estilo que as enobrece e as distingue de tôdas as outras. E assim e ainda mesmo quando propositalmente, procura apoiar-se numa sugestão, porque essa sugestão concorre para o carácter da figura, como sucede com o retrato de Miss Carnegie, em que a lembrança dos velhos mestres franceses do século XVIII, especialmente de Nattier, é evidente, aí mesmo Laszló é bem êle.

É que na posse total da técnica e com uma facilidade inata, que o seu estudo dos modêlos e dos velhos mestres não deixou resvalar nunca na habilidade, êle traduz sem dificuldade o que tem a dizer, exprimindo-se completa e integralmente e sem a menor hesitação. E assim não obtém só uma frescura e transparência, que são duas das grandes qualidades da sua obra e que só são possíveis aos artistas na posse plena dos meios de execução. Consegue ainda, com êsse seu perfeito domínio do que tem a fazer, que o arabesco da sua pintura e o efeito da sua mancha concorram sempre, harmònicamente, para a sinfonia cromática e linear que um e outro elemento devem produzir, e sem a qual não é possível a intensidade máxima de beleza de conjunto.

De resto, tudo é essencial na obra de Laszló, ainda mesmo os mínimos acessórios, que são

Retrato de Sir Lancelot Carnegie

DE LASZLÓ

Outro aspecto da sala do Museu Nacional de Arte Antiga em que foram expostos os retratos da família Carnegie

Retrato de Lady Carnegie

todos chamados pelo artista a dizer alguma coisa e não visam apenas simples efeitos de pitoresco. Tal o caso, por exemplo, dos dois periquitos que poisam no antebraço esquerdo de Miss Carnegie e que, aumentando o efeito decorativo da tela, explicam o movimento dêsse braço. Ao contrário do que possa supor-se, o artista não *imaginou* êsse arranjo na sugestão de um arranjo alheio. Surpreendeu assim o seu modêlo e como isso lhe dava um efeito gracioso, que não deixava de concorrer para o carácter da retratada, aproveitou-o tirando dêle o resultado que só um artista da sua fôrça podia tirar.

O mesmo com o movimento dos panejamentos, no retrato de Lady Carnegie, que não é só um achado felicíssimo de composição, aliás utilizado já, embora diferentemente, por Romney, no retrato de Lady Hamilton, e por Besnard, no retrato de Rejane. É que êsse movimento convinha admiravelmente à mobilidade do modêlo, ajudando portanto a marcar-lhe o seu carácter, ao mesmo tempo que lhe permitia a sua melhor valorização plástica.

No retrato de Sir Lancelot Carnegie o objectivo é ainda o mesmo: caracterizar e tirar o máximo efeito decorativo da figura; e não pode dizer-se que Laszló o não tenha obtido e por forma superior. A disposição da capa é um achado e é-o igualmente a qualidade e intensidade do azul da banda que se sobrepõe à farda e, graças ao qual, o chamarrado de oiro, que cobre o peito do retratado, ganha uma discreção que só é favorável à pintura.

O bom gôsto, que quando é verdadeiramente grande, é a base essencial do estilo, é, em Laszló, do melhor quilate. Nunca o *arranjo* de um dos seus retratos oferece o menor reparo, e êsse poder que torna altamente decorativa a sua obra, no alto significado que pode ter essa palavra, afirma-se superiormente nestes seus três retratos, sem que por isso as qualidades picturais deixem de manifestar-se completamemte, como já dissemos. Só um grande mestre podia realizar como êle realizou as luvas que Sir Lancelot Carnegie aperta na mão direita; a qualidade do branco e a maneira sintética e justa como elas estão indicadas são verdadeiramemte admiráveis. Que dizer também da parte do braço e antebraço esquerdo modelada na sombra, de Lady Carnegie? Mas a pormenorisação, sob êste aspecto, das três telas levar-nos-ia longe.

E como Laszló sabe o que quer dizer e possui por completo os meios para o fazer, a sua obra, como a de todos os verdadeiros mestres, há-de ser, com a sua clara, lógica e sólida estrutura, compreendida sempre, hoje e amanhã, por os que a virem; e êsses serão muitos, porque serão todos os que procurarem nela, ou a lição de beleza que ela encerra, ou a lição de arte e história que ela contém.

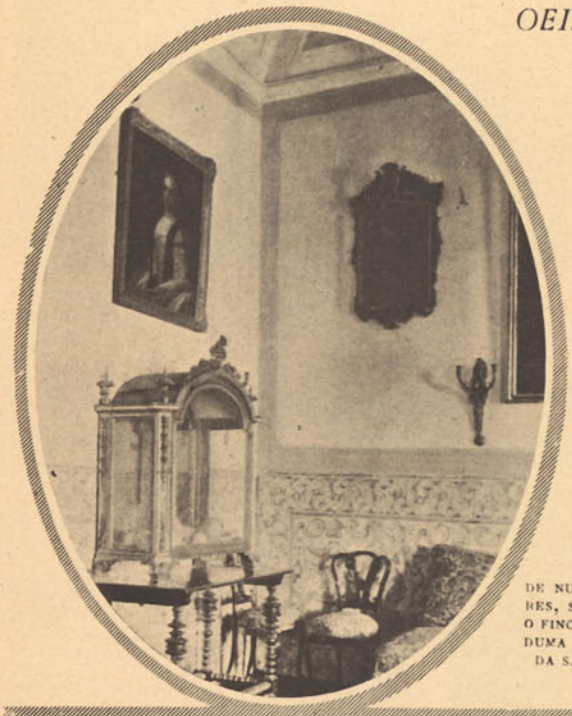
Maio de 1927.

JOSÉ DE FIGUEIREDO.

A CASA PORTUGUESA

PALÁCIO DOS SNRS. MARQUESES DE POMBAL

OEIRAS



CANTO DE SALA ONDE, A PAR DA PRECIOSA EFÍGIE DE NUNO ÁLVARES, SE ADMIRA O FINO RETRATO DUMA PRINCESA DA SARDENHA

O CÉLEBRE QUADRO DE VERNET E VAN LOO, COM O GRANDE MARQUÊS

UM DOS LAVATÓRIOS NA SALA DE JANTAR CUJAS PORTAS SE ABREM PARA O JARDIM TODO SOMBREADO POR DUAS GIGANTESCAS ARAUCÁRIAS

Cinematografia

Rex Ingram, o homem que se celebrizou na enscenação com «Os quatro cavaleiros do Apocalipse» e deslumbrou o mundo cinematográfico com «Scaramouche», tem, decididamente, predilecção especial pelas obras de Vicente Blasco Ibañez, o grande novelista espanhol, de fama mundial. Depois de ter cedido a Monta Bell a enscenação de «Entre naranjos» e se ter transladado a Nice onde edificou estudios enormes e explêndidos, pensou logo em continuar a transposição cinegráfica das obras mais belas do glorioso autor de «Sangre y arena».

Foram dois os filmes logo realizados, «Mare Nostrum» e «Tierra de todos». Eis como foi composto o *scenário* cinematográfico do primeiro.

* * *

Ulisses Ferragut, descendente duma velha linhagem de navegadores espanhois, foi educado no amor pelo Mediterrâneo magnifico... «Mare Nostrum», e êsse amor ardente, apaixonado, transmitiu a seu filhinho, um pequeno que cedo ficou sem mãe e que tem a educar numa escola do litoral.

Ulisses, capitão dum veleiro mercante, cruza incessantemente as águas, em navegações costeiras e num dia de repouso nas águas tranquilas do golfo de Nápoles, salta em terra e vai visitar as ruinas maravilhosas de Pompeia. Entre as ruinas desenha-se nesse fim do dia uma silhueta misteriosa, uma mulher formosa, enigmática, que na realidade é uma espia alemã, Freïa, mas que, para a candura de homem do mar, do capitão Ferragut, toma o aspecto duma visão de sonho e de pureza.

Os olhos da aventureira, enfeitiçam aquele filho do mar azul e imenso e prendem-no na sua esteira. Ulisses, dominado, segue Freïa por tôda a Itália de sonho.

Uma tarde, na visita a um aquário magnífico do Museu Oceanográfico de Monaco, um terrível polvo parece querer atacar, através os grossos vidros, o milagre de graça e formosura da espia. Esta, assustada, lança-se nos braços do capitão Ferragut e trocam assim o seu primeiro beijo de paixão.

Daí por diante, a vida é um torvelinho ante a alma cândida e duma rude ingenuidade do marinheiro que se torna um brinquedo nas mãos de Freïa, que não esquece a sua missão.

E é o amor que tem pela espia que leva o honrado capitão Ferragut a consentir que o seu barco se torne em posto de abastecimento dum submarino pirata, colaborando assim, inconscientemente, na obra de infâmia e destruição a que êste se dedica. Os beijos ardentes de Freïa tudo lhe fazem esquecer, mas um dia, maior golpe o prostra.

Seu filho, o pequenito que êle idolatra, não vendo o pai há muito, porque êle, perdido com a espia nas risonhas paisagens do Sul da França, não o vem visitar, consegue sair do seu colégio dos arredores de Barcelona e tomar passagem num navio costeiro que vai para a costa italiana, julgando ir encontrar fundeado algures o navio de seu pai. Ulisses, chegado precisamente horas depois a Barcelona, sabe da fuga do filho e faz-se também ao mar no encalço do imprudente rapazito. Então, sob os seus olhos exorbitados pelo espanto, vê o capitão Ferragut que o submarino alemão que êle abastecia delituosamente, torpedeia com crueldade o pacífico barco que leva seu filho, aquela pobre criança que a maldade dos homens afoga barbaramente nas ondas glaucas do seu amado «Mare Nostrum». O seu desespêro é vizinho da loucura e o seu remorso é uma tortura horripilante. Neste estado de alma chega

O capitão Ferragut educara seu filho no amor sagrado do Mediterrâneo...

Um dia, no aquário de Mónaco, um polvo gigantesco...

O amor de Freia desvairara o apaixonado marinheiro...

junto de Freia e a espia, que o ama verdadeiramente, sente com êle a espantosa dor que os assalta como um castigo. E o seu arrependimento é tão grande como o remorso do pobre pai. Mas são tudo sentimentos tardios. A identidade de Freia fôra desvendada e as autoridades militares francesas prendem-na.

O julgamento é sumário. A lei é dura mas é a lei.

Aquela linda mulher, maravilha de Deus, corpo de estátua e rosto de deusa, será passada pelas armas. E fusilada morre a espia num último alarde de coragem e galhardia que põe lágrimas nos olhos dos próprios executores da terrível sentença.

Entretanto, Ulisses Ferragut, sem vontade, enfêrmo de desespêro, faz-se ao mar com a sua fiel tripulação, numa noite de tempestade furiosa, buscando talvez a morte, redentora das más dôres. E a morte, piedosamente vem ao seu encontro, ainda sob a forma iniqua do submarino pirata que faz justiça ao seu antigo cúmplice torpedeando o veleiro airoso que leva sôbre a porcela aquele coração em fogo.

Mas o capitão Ferragut, filho do grande mar azul, não morre cobardemente. A luta enebria-o e o seu veleiro, ferido de morte embora, mas obedecendo, num último arranco aos seus pulsos voluntariosos e ao ódio da sua alma ferida, singra sôbre o terror dos mares. O submarino surpreendido não tem tempo de manobrar e a quilha do barco moribundo, abre-lhe no casco uma brecha que é a morte pavorosa, cheia de angústia, daqueles ceifadores sinistros de vidas inocentes. E sôbre os destroços dos dois barcos inimigos, se cerraram de novo, implacáveis, as ondas sempre indiferentes e sobranceiras dêsse mar imenso e glauco, «Mare Nostrum!...»

O sucesso desta produção em todos os pontos onde tem sido exibida, é absolutamente clamoroso. Realmente, dizem os críticos, a arte de Rex Ingram superou tudo quanto dêle se esperava e «Mare Nostrum» pode ser apontado como um modêlo de realização. Também o desempenho foi insuperável e tanto Alice Terry no papel de Freia como Antonio Moreno, o grande comediante espanhol, na parte do capitão Ulisses Ferragut, se podem considerar inexcediveis. Também foram elementos de grande valor no filme as paisagens belissimas de Barcelona, Nápoles, Pompeia, Marselha, Nice, Monte Carlo e outros pontos da costa mediterrânea onde foram filmadas as scenas mais importantes. É um filme dos mais belos da produção Metro-Goldwyn-Mayer.

▪ ▪ ▪

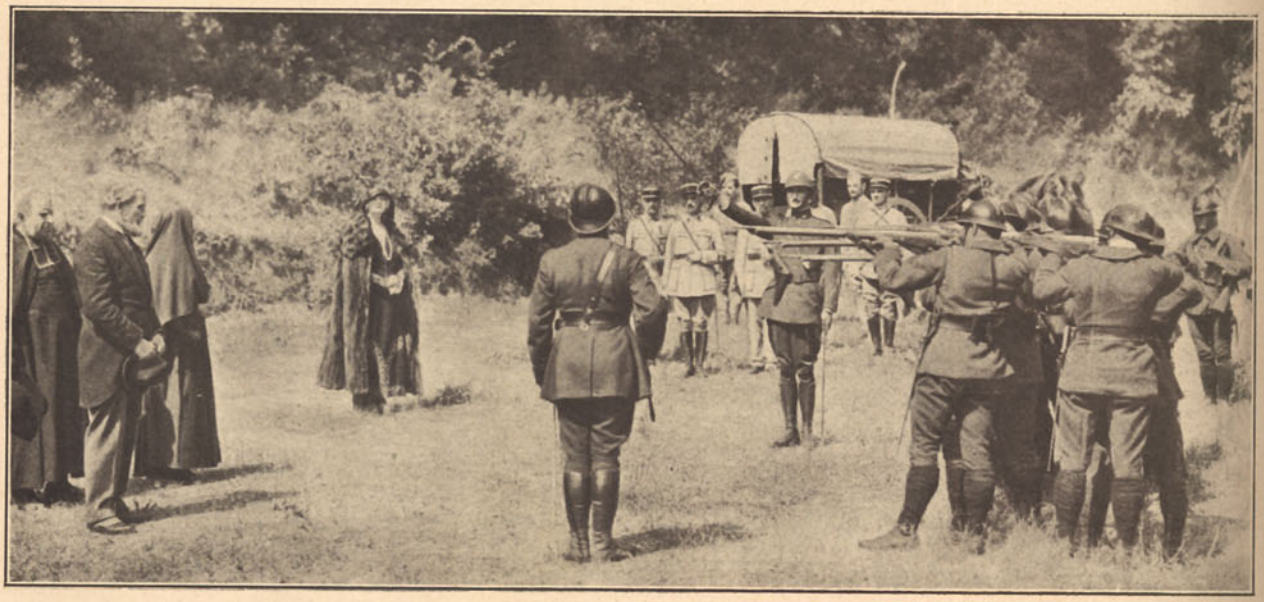
No grande arqui-super-filme Metropolis, a obra culminante de Fritz Lang e da cinegrafia alemã, utilizaram-se: 620.000 metros de negativo; 1:300.000 metros de positivo; 8 artistas principais, 750 secundários; figurantes homens 25:000 e mulheres 11:000, crianças 750 e negros 25. Em certas scenas de fantasia foram utilizados 1:100 figurantes calvos (!! ..). Os ordenados pagos aos artistas, empregados e pessoal diverso atingiram 1.600:000 marcos (8 mil contos!) e para guarda roupa dispendeu-se a soma de 200:000 marcos (mil contos quási!). Também se fizeram 3:500 pares de calçado, 75 cabeleiras e 50 automóveis (!) com carrosseries e planos especiais.

Começou a filmagem em 22 de maio de 1925 e acabou-se em 30 de outubro de 1926, representando o esfôrço e o trabalho contínuo de 510 dias e 60 noites.

▪ ▪ ▪

Ao passo que a maior parte dos aspirantes e artistas cinematográficos sofrem uma desilusão completa e outros levam anos na figuração e nos pequenos papéis episódicos, o actor Adrien Truex acaba de realizar uma perfomance.

A sua bela e sugestiva figura tinha-o feito sair da figuração anónima para conquistar rápidamente o grau de «extra» ou seja o homólogo do «rabulista» de teatro e depois de dois ou três pequenos papéis, foi contratado pelo director Robert Kane para protagonista masculino de «Dance Magic», produção de First National.



A espia morreu bem, num alarde de coragem emocionante...

O MUNDO PERDIDO

GRANDE ROMANCE DE AVENTURAS

por Conan Doyle

(Continuação do n.º 54

Depois do almoço desatâmos o fardo em que Challenger trouxera os utensílios de escalada, tirando dois rôlos de corda, uma grossa e outra mais delgada, paus ferrados, ganchos e diversos acessórios. Lord Roxton estava habituado à montanha. Summerlee fizera já por várias vezes ascensões difíceis e eu era, portanto, o único novato do grupo, devendo suprir com a agilidade e o vigor a experiência que me faltava.

Na verdade, a ascensão não foi muito difícil, excepção feita de certos momentos em que se me puseram os cabelos em pé. A primeira metade da agulha foi escalada com facilidade, mas do meio para cima foi custosa, a ponto de termos de nos fincar com pés e mãos nas mais pequenas saliências e nas mais estreitas fendas. Nem Summerlee nem eu teríamos chegado a bom têrmo se Challenger, com uma agilidade prodigiosa numa criatura tão pesada, não tivesse sido o primeiro a chegar ao cimo da agulha e não tivesse amarrado à grossa árvore, que a coroava, uma corda que atirou. Assim nos içamos ao longo da parede rochosa e alcançâmos uma pequena plataforma cheia de erva, medindo cêrca de vinte e cinco pés de diâmetro.

Depois de tomar fôlego pus-me a gozar o panorama, que na minha frente se desenrolava, das regiões que tinhamos atravessado. A planície alargava-se a meus pés e ia perder-se no extremo horizonte numa névoa azulada. No primeiro plano apresentava-se-me à vista a longa encosta juncada de rochas e semeada, aqui e acolá, de fetos arbóreos; mais longe, para além das colinas, distinguia a massa amarela e verde dos bambus; depois a vegetação tornava-se mais espessa e fundia-se na grande floresta que se estendia, a perder de vista, por milhares de milhas.

Deliciava-me na contemplação dêste grandioso espectáculo, quando a pesada mão do professor me bateu no ombro.

— Por aqui, meu caro amigo — disse-me êle — *vestigia nulla retrorsum*. Não me olhe para trás, mas para a frente, para o terminus glorioso da nossa emprêsa.

Voltei-me. Estavâmos ao mesmo nível do planalto e as sebes e as árvores estavam tão próximas que mal concebíamos a idea de que o planalto era inacessível. O intervalo que dêle nos separava não devia medir mais de quarenta pés, mas para nós era como se medisse quarenta milhas. Passei um braço em tôrno da árvore e debrucei-me no espaço: a muralha erguia-se perpendicularmente e lá muito em baixo os nossos criados, reduzidos a uns serezinhos minúsculos, observavam-nos.

— Ora aqui está uma coisa curiosa — disse Summerlee com a sua voz de matraca, examinando a árvore a que eu estava agarrado.

Na verdade, aquela casca compacta e aquelas fôlhas recortadas eram-me familiares.

— É uma faia! — exclamei eu.

— Com efeito — disse Summerlee — é uma faia. Uma compatriota que se encontra em terra estrangeira.

— Não é sòmente uma compatriota, meu caro senhor — disse Challenger — mas também, se me permite que complete a sua comparação, uma aliada do mais alto valor. Esta faia vai salvar-nos!

Tinhamos uma ponte que nos ligava ao desconhecido!

— *By George!* — exclamou lord Roxton — uma ponte?

— Sim, meus amigos, uma ponte! Não foi em vão que eu passei esta noite uma hora a meditar. Onde a inteligência e a vontade se aliam há sempre uma saída qualquer. Tratava-se de lançar uma ponte sôbre o abismo: aqui está ela!

Era sem dúvida uma idea famosa. A árvore tinha, pelo menos, sessenta pés de altura e, portanto, derrubada, devia ligar os dois rebordos do precipício. Challenger trouxera consigo um machado que me entregou, dizendo:

— Este nosso amigo tem bom músculo e encarrega-se dêste serviço melhor do que qualquer de nós. Peço-lhe simplesmente que se abstenha de agir por si e que se contente com fazer o que eu lhe disser.

Seguindo as suas indicações dei os primeiros golpes na árvore de forma a dirigir-lhe a queda, o que de resto era fácil porque ela era já inclinada para o planalto, e em seguida ataquei vigorosamente o tronco à machadada. De tempos a tempos lord Roxton tirava-me o machado das mãos e assim fomos trabalhando alternadamente.

Ao cabo duma hora ouviu-se um estalido, a árvore vacilou, inclinou-se, partiu e as ramagens fôram abater-se do lado de lá, entre as sebes vivas do rebordo. O tronco rolou até à extremidade da plataforma e durante um terrível segundo chegâmos a julgar tudo perdido, mas por fim equilibrou-se, a algumas polegadas de distância do rebordo. Tinhamos uma ponte que nos ligava ao desconhecido!

Todos nós, mudos e graves, apertâmos a mão a Challenger, que tirou o chapelinho de palha, saüdando, sucessivamente cada um de nós, com uma profunda reverência.

— Reclamo para mim a honra — disse êle — de ser o primeiro a passar. Que belo assunto para um quadro dum pintor de história!

Mas como êle se aproximava já da ponte, lord Roxton deteve-o pelo casaco.

— Meu caro camarada — disse-lhe — o senhor pede uma coisa que eu não posso permitir que faça.

— Permitir-me, a mim?

E Challenger sacudiu a cabeça, espetando provocadoramente as barbaças.

— Lá no campo da sciência sigo-o eu — disse lord Roxton — porque o senhor é um homem de sciência, mas cá no meu campo o senhor é que tem de seguir-me.

— No seu campo?

— Cada um de nós tem a sua profissão: eu sou guerreiro! Ora nós estamos, parece-me, no propósito de invadir um país onde podem estar à nossa espera inimigos de tôdas as espécies. Não posso permitir que, impacientemente e sem senso comum, nos lancemos para a frente, às cegas.

Era impossível fazer ouvidos de mercador a argumentos tão razoáveis. Challenger sacudiu a cabeça, encolhendo os ombros.

— Mas o que é que o senhor pensa fazer?

— Talvez por detrás daquelas sebes — e lord Roxton olhava para o outro extremo da ponte — um grupo de canibais esteja à nossa espera para nos almoçar. Mais vale prevenir do que remediar. Esperemos que não haja nada de que temer, mas procedamos como se houvesse. Eu e Malone vamos descer, a buscar as nossas quatro carabinas e ao mesmo tempo traremos connosco Gomez e o seu companheiro, e só então um de nós poderá atravessar sòzinho, sob a vigilância dos outros.

Challenger, sentado no tronco da faia, grunhia de impaciência; mas eu e Summerlee concordávamos em reconhecer em lord Roxton uma autoridade especial nestas questões práticas. Pouco nos custou tornar a trepar à agulha, graças ao auxílio que a corda nos prestou. Uma hora depois estávamos de volta com as nossas carabinas e uma caçadeira. Os dois mestiços tinham-nos acompanhado e lord Roxton tivera o cuidado de fazer por êles transportar um fardo de provisões, prevendo o caso de a nossa primeira

A corda, é claro, é curta demais para nos servir na descida

exploração ser um pouco mais duradoura. Cada um de nós tinha a sua bandoleira cheia de carruchos.

Quando viu que todos os preparativos estavam terminados, lord Roxton disse:

— E agora, Challenger, se ainda persiste em ser o primeiro a passar ..

— Muito agradecido pela sua amável autorização! — disse, furioso, o professor, que não tolerava nenhuma espécie de autoridade. — Já que quer ter a bondade de me autorizar, tenho todo o empenho em fazer de batedor.

E sentando-se, escarranchado, na faia, as pernas pendentes sôbre o abismo, o machado às costas, deslisou, rápidamente, de um extremo ao outro do tronco e pondo-se de pé no planalto, agitando os braços, exclamou:

— Enfim! Enfim!

Eu olhava-o angustiado, temendo vagamente que qualquer coisa terrível e desconhecida rasgasse por detrás dêle a cortina de verdura, subitamente. Mas tudo permaneceu tranquilo e só uma ave variegada e estranha se lhe levantou debaixo dos pés, desaparecendo entre as árvores.

Summerlee foi o segundo a passar. É maravilhoso como um corpo tão débil tem tanta energia. Quis por fôrça levar duas carabinas, uma para êle e outra para o seu colega. O terceiro fui eu e tive que exercer um grande esfôrço sôbre mim para evitar olhar para o abismo que em baixo se cavava. Summerlee estendeu-me a sua carabina para me apoiar e logo a seguir lhe alcancei a mão. Lord Roxton atravessou a ponte de pé — sim, de pé e sem auxílio! Êste homem deve ser de ferro!

Enfim, entrámos no país de maravilhas, no mundo perdido de Maple White! Viviamos o nosso minuto supremo de triunfo! Quem nos diria que êsse minuto precedia de tão perto o momento do desastre? Deixe-me contar-lhe, o mais brevemente possível, como sôbre nós caiu o golpe que nos esmagou.

Tínhamos deixado o bordo do planalto e penetráramos cêrca de cinqüenta jardas pelo mato quando, por detrás de nós, repercutiu o ruído pavoroso duma derrocada. Num impulso comum precipitámo-nos para o local que acabavamos de deixar: a ponte tinha desaparecido.

Olhei para o fundo do abismo: lá em baixo havia um emaranhamento de ramos, um tronco partido, uma massa confusa — a nossa faia! Teria o rebordo da plataforma cedido ao pêso da árvore? Mal me acudira a idea, quando da extremidade oposta da agulha começou lentamente a surgir uma face bronzeada, o rosto do mestiço Gomez, não aquele rosto que nós lhe conheciamos, em que se lhe afivelava a máscara dum sorriso humilde e servil, mas um rosto em que os olhos fuzilavam, convulso de ódio e da louca alegria da vingança!

— Lord Roxton! — gritou Gomez. — Lord Roxton!

— O que há? — disse o nosso companheiro. — Cá estou!

Uma gargalhada atravessou o abismo.

— Sim, grande cão, estás aí e aí ficarás! Eu esperei... esperei... Mas a minha hora chegou! Tiveram algum trabalho para subir, mas hão de ter muito mais para descer! Que tolos, caíram na ratoeira! E todos juntos, todos!

Mudos de espanto e estupefacção, estavamos pregados ao solo. Um tronco partido, caído na erva, mostrava-nos de que alavanca êle se servira para deslocar a ponte. O rosto escondeu-se por um momento, mas logo reapareceu, mais frenético ainda.

— Pouco faltou para que os esmagassemos sob uma pedra, lá em baixo, na caverna. Mas assim é melhor, é uma morte mais lenta e mais terrível. Os vossos ossos hão-de branquear aí em cima, sem que jámais se saiba onde estão, sem que ninguém lhes dê sepultura! Durante a tua agonia, Lord Roxton, lembra-te de Lopez, que tu mataste, há cinco anos, nas margens do Putomayo. Eu sou irmão dêle e agora, aconteça o que acontecer, morrerei contente, porque vinguei a sua memória!

Um punho fechado agitava-se furiosamente, na nossa direcção. Depois tudo voltou à mesma calma.

Gomez, satisfeita a sua vingança, teria podido fugir, que nada de desagradável lhe sucederia, mas o desejo insensato de dramatizar, a que nenhum latino escapa, foi o que o perdeu. Aquele que nestas paragens tinha merecido o nome de «Flagelo de Deus» não era homem para se deixar afrontar impunemente. O mestiço, para descer, tinha contornado a agulha.

Lord Roxton não esperou que êle chegasse a tocar o chão e, correndo à beira do planalto, alcançou um sitio donde podia alvejar o seu homem. Ouvimos uma pequena detonação, um grande grito, o baque de um corpo, e lord Roxton voltou para junto de nos.

— Tenho-me portado como um parvo — disse êle, amargamente, o sobrôlho carregado. — Foi a minha estupidez que motivou êste dissabor. As dívidas de sangue não se apagam durante muito tempo na memória dêstes homens. Eu devia lembrar-me disso e ter tomado as minhas providências.

— E o outro? Foram, decerto, precisos dois homens para mexerem a árvore.

— Também o podia matar. Seria, sem dúvida, um acto de justiça porque êle deve ter prestado o seu auxílio à manobra, mas como se trata só duma presunção, perdoei-lhe.

Agora, que a façanha do mestiço nos revelava muitas das suas acções, todos nós relembrávamos qualquer pormenor suspeito: o seu constante desejo de conhecer os nossos planos; aquela noite em que Zambo o agarrou por tê-lo encontrado à escuta por detrás da nossa tenda; os furtivos olhares de ódio que por vezes lhe escapavam. Estávamos discutindo as novas dificuldades em que nos encontrávamos, quando uma scena estranha, lá em baixo, na planície, atraiu a nossa atenção.

Um homem vestido de branco, que não podia ser outro senão o mestiço sobrevivente, fugia, duma forma como só se foge da morte. Alguns passos atrás dêle perseguia-o um vulto negro, o nosso fiel Zambo. Vimo-lo saltar sôbre o mestiço e passar-lhe os braços em volta do pescoço. Os dois rolaram por terra e logo Zambo se levantou, olhou para o homem que estava deitado a seus pés e deitou a correr na nossa direcção, agitando alegremente os braços. A forma branca ficou imóvel, na planície.

Os dois traidores tinham pago o seu crime, mas nem por isso a nossa situação melhorara, pois nenhum meio havia de tornarmos a comunicar com a agulha. Até então pertenceramos ao mundo, mas d'ora-avante só pertenceriamos ao planalto. Entre um e o outro deixara de existir contacto. Sob os nossos olhos alongava-se a planície, ao fim da qual nos esperavam os nossos botes e, mais longe, para além da bruma violeta do horizonte, o rio, no têrmo do qual nos esperava a civilização. Mas o laço que nos ligava a tôdas estas coisas quebrára-se. A inventiva humana já não podia restabelecer por cima do abismo um caminho que ligasse as nossas pessoas ao nosso passado. E um segundo só fôra o suficiente para assim modificar as condições da nossa existência.

Foi neste transe que eu tivè ensejo de apreciar devidamente as qualidades dos meus três camaradas. Estavam, sem dúvida, graves e pensativos, mas mantinham uma serenidade invencível.

O que de melhor tinhamos a fazer era esperar pacientemente, sentados no mato, a chegada de Zambo ao cimo da agulha. Por fim o seu rosto tranqüilo de hércules negro surgiu entre os rochedos.

— E agora — disse êle — digam: o que é que querem que eu faça?...

Não era fácil responder a esta pregunta. Zambo representava a nossa última ligação com o mundo exterior e não deviamos, portanto, deixá-lo partir.

Não! Não! — exclamou êle. — Não os abandonarei. Sempre e dê por onde der hão-de encontrar-me aqui. Mas é impossível reter por mais tempo os índios. Começaram já a dizer muitas coisas, que Curipiri habita lá em cima e querem ir-se embora. Permitam-me que lhes dê a liberdade.

De facto, nos últimos tempos, os índios davam indícios de impaciência. Zambo tinha razão, não conseguiria retê-los por mais tempo.

— Que esperem até amanhã, Zambo — disse eu. — Tenho que lhes confiar uma carta.

— Está bem, senhor! Comprometo-me a fazê-los esperar até amanhã. Mas neste momento o que é que devo fazer?

De momento havia muito a fazer e êle desempenhou-se dextramente de quanto o incumbimos. Primeiro desatou a corda que estava amarrada ao resto do tronco da faia e atirou-nos uma das pontas. A corda era delgada, mas muito forte, e, ainda que não pudemos pensar em utilizá-la como vai-vem, para alguma coisa nos serviria se tivessemos de fazer qualquer ascenção. A extremidade da corda que lhe ficara na mão atou Zambo o fardo de provisões que lord Roxton fizera transportar para o cimo da agulha, puxando-o nós para o planalto. Se não encontrassemos subsistências, já tinhamos com que passar uma semana, pelo menos. Depois Zambo desceu a buscar dois outros volumes que continham diversas coisas, principalmente munições, trouxe-os para o cimo da agulha e nós içámo-los com a corda. Anoitecia já quando êle desceu pela última vez, renovando-nos a promessa de reter os índios até ao dia seguinte.

Passei esta primeira noite sôbre o planalto a escrever esta carta, frouxamente alumiado pela vela duma lanterna.

Acampámos e ceámos mesmo à beira da muralha. Duas garrafas de Apollinaris, tiradas das nossas caixas, permitiram-nos saciar a sêde. Tornava-se-nos indispensável encontrar água, mas até o próprio lord Roxton pensava que, para um só dia, já tiveramos aventuras bastantes e nenhum de nós se sentia com coragem para avançar. Julgámos de bôa prudência não acender lume nem fazer barulho.

Amanhã ou, mais pròpriamente, hoje, porque os primeiros clarões da aurora encontráram-me ainda debruçado sôbre esta carta, começaremos a explorar êste estranho país. Ignoro se poderei e quando poderei escrever-lhe novamente. Os nossos indios não nos deixaram e não tarda que o fiel Zambo apareça para levar a carta. Chegar-lhe há ela algum dia às mãos?

P. S. — Quanto mais penso na nossa situação, mais ela me parece não ter saída. Não vejo nenhuma probabilidade de regresso. Se à beira do planalto houvesse uma árvore de suficiente altura, poderiamos lançá-la sôbre o abismo, mas não as há senão à distância de cincoenta jardas. Mesmo conjugando os nossos esforços nunca conseguiríamos arrastar um tronco que servisse para o nosso fim. A corda, é claro, é curta demais para nos servir na descida. Sim, a nossa situação é desesperada, verdadeiramente desesperada!

CAPITULO X

EXTRAORDINÁRIO!

Ainda e sempre novas coisas extraordinárias! De papel só tenho cinco cadernos e a única pena que me resta é o meu estilógrafo, mas enquanto poder mover a mão continuarei fixando as nossas impressões e as nossas aventuras. Já que somos os únicos homens dum mundo que podemos ver tudo isto, convêm não deixar que as coisas se apaguem, com o tempo, da minha memória. Zambo levará estas cartas ao rio? Um milagre permitirá que as leve eu próprio? Ou — quem sabe? — qualquer audacioso explorador, voando num aeroplano sôbre as nossas pégadas virá um dia a descobrir as páginas destas memórias? Seja como fôr: parece-me que estão destinadas a sobreviver e a tornar-se clássicas.

Um novo período se abriu na nossa vida no dia seguinte àquele em que a traição de Gomez nos fêz prisioneiros do planalto. O incidente com que se inaugurou o novo período não era de molde a dar-nos uma idea muito favorável do país em que nos encontravamos. Ao acordar, pela manhã, dum curto sono dei conta de que a minha calça, arregaçada um pouco acima da peuga, deixava a descoberto um bocado de perna a que se colava uma espécie de bago de uva, grosso e avermelhado. Debrucei-me, surprêso, e agarrei entre o polegar e o indicador o tal bago de uva, que se esborrachou, esguichando sangue para todos os lados. Ao grito que soltei acudiram os dois professores.

— Muito interessante — disse Summerlee, dobrado ao meio, examinando me a canela. — Era uma enorme carraça sugadora que ainda não deve estar, que eu saiba, classificada.

— É a primeira recompensa dos nossos trabalhos — mugiu Challenger, pedantemente. — Não podemos deixar de chamar a êste insecto *Ixodes Maloni*. O ligeiro incómodo duma mordedura vale bem o privilégio glorioso de ficar com o seu nome inscrito para todo o sempre nos anais da zoologia! Que pena o senhor ter destruido êste belo exemplar em pleno estado de saciedade!

— Nojento bicho! — exclamei eu.

Challenger franziu o sobrôlho, mas logo, pousando-me no ombro uma mão apaziguante, aconselhou-me:

— Aprenda a considerar tudo sob o ponto de vista scientifico. Para um homem como eu, propenso à filosofia, a carraça sugadora, com o seu ferrão em forma de lanceta e com o seu estômago extensível, constitui uma obra prima da natureza não inferior, por exemplo, a um pavão ou a uma aurora boreal. Aflige-me ouvi-lo qualificar o insecto com têrmos tão ásperos. Espero que, com um pouco de diligência, conseguiremos achar um outro exemplar da carraça.

— Não tenha dúvida — disse Summerlee, com ar trocista — acabo de ver desaparecer uma pelo cós da sua camisa.

Challenger pulou, mugindo como um touro, arrancando o fato, esgaçando a camisa, para mais depressa se desembaraçar do insecto. Summerlee e eu riamos tanto que nos esqueciamos de ajudá-lo. Acabámos por lhe pôr a nu o tronco monstruoso (cincoenta e quatro polegadas) e do matagal de pêlo negro, que o recobria, arrancámos, antes de o ter mordido, a carraça vagabunda.

Mas todo o mato em redor estava infestado por êstes horriveis animaizinhos e contra êles não dispunhamos doutro recurso senão o de levantar o acampamento.

Entretanto, necessitavamos dar as nossas instruções ao fiel Zambo, que do cimo da agulha, onde acabava de aparecer, nos atirava latas de cacau e de biscoitos. Das provisões que tinhamos deixado lá em baixo, no sopé da muralha, ordenámos-lhe que guardasse as que lhe fôssem necessárias para se manter durante dois meses e que desse o resto aos indios, em recompensa dos seus serviços e em paga de nos levarem as cartas até ao Amazonas. Algumas horas depois, vimo-los desfilar, a um de fundo, pela planicie fora, cada um dêles transportando à cabeça o seu fardo, regressando pelo caminho que nós tinhamos aberto na vinda. Quanto a Zambo, êsse tomara posse da nossa tenda de campanha, no sopé da agulha rochosa e aí se instalara.

Apressados pela necessidade de decidirmos a nossa acção, começámos por procurar um refúgio contra as carraças numa clareira que as árvores, muito unidas em volta, fechavam quási por completo. No meio da clareira havia uns pedaços de rocha, lisos como lages e, muito próxima, uma fonte magnifica. Cómoda e asseiadamente instalados, encetámos os nossos preparativos de invasão. As aves chilreavam na ramaria e entre elas havia uma cuja voz bizarra pela primeira vez ouviamos. Era êste o único ruido por que se manifestava a vida.

Primeiro, para apreciarmos os recursos de que dispunhamos, fizemos o nosso inventário: com o que tinhamos trazido e com o que Zambo nos enviara por meio da corda, nada nos faltava. O principal era que, em caso de perigo, dispunhamos de quatro carabinas e de mil e trezentos cartuchos, sem falar duma caçadeira, para a qual, na verdade, não tinhamos mais de cento e cincoenta cargas com bala de pequeno calibre. No que dizia respeito a víveres estavamos garantidos para muitas semanas. Possuiamos uma quantidade suficiente de tabaco e alguns instrumentos scientificos, entre os quais um grande telescópio e um óptimo binóculo de campo. Reunimos tudo na clareira e como medida de precaução, tendo prèviamente cortado com o machado e as nossas facas de mato alguns arbustos espinhosos, dispuzemo-los de maneira a constituir um circulo de defeza com um diâmetro de cêrca de quinze jardas. Era ali que, durante um certo tempo, deviamos ter o nosso quartel general, o nosso reduto e o nosso armazem. Baptisámos o local com o nome de «Forte Challenger».

Era mais de meio dia quando terminámos os nossos preparativos de defeza, mas o calor não se fazia sentir muito e a própria vegetação lembrava a dos climas temperados. Entre as árvores que nos rodeavam reconheciamos o carvalho, a faia e até a bétula.

Um enorme jingko a tôdas dominava, estendendo por cima do nosso «forte» os seus grandes ramos e a sua folhagem capilar. Sentámo-nos à sua sombra para ouvir lord Roxton, que no momento de entrarmos em acção tinha assumido o comando, expor as suas opiniões.

— Temos tudo a temer — disse êle — desde o momento em que formos descobertos, quer por um homem, quer por um animal. Nada indica que isto já se tenha dado e, portanto, convêm fixarmo-nos aqui por algum tempo, vigiar a região e procurar ter um certo conhecimento dos nossos vizinhos, antes de com êles entrarmos em relações de simples visita.

— Mas é preciso que avançemos — arrisquei eu.

— Evidentemente, meu rapaz, mas com prudência. Não devemos nunca operar a uma dis-

Entretanto, necessitamos dar as nossas instruções ao fiel Zambo, que do cimo da agulha, onde acabara de aparecer, nos atirava latas de cacau e de biscoitos

tância tal que não possamos volver rápidamente à nossa base. Sobretudo, não devemos nunca — a não ser em risco de vida — fazer fogo com as nossas armas.

— Contudo, o senhor, ontem... — objectou Summerlee.

— Foi um caso de fôrça maior. De resto, o vento soprava com violência e em direcção contrária; não creio que o som da detonação se tenha sentido a uma grande distância no planalto. Mas a propósito de planalto: como lhe chamaremos nós? Porque, suponho, é preciso dar-lhe um nome?

Muitas denominações, mais ou menos felizes, foram apresentadas, mas a que Challenger propôs sobrelevou as outras.

— No que respeita a nome — disse êle — só vejo um que convêm a esta terra: o do homem que a descobriu e que foi o primeiro a visitá-la. Não pode, portanto, deixar de chamar-se a Terra de Maple White.

E foi com êste nome que a baptisámos e é por êle que a designarei no meu mapa e por êle a designarão, creio bem, os atlas futuros.

Tratava-se de realizar o mais breve possível a penetração pacífica da terra de Maple White. Sabiamos já, por nossos próprios olhos, que a habitavam animais desconhecidos e o álbum do artista americano preparava-nos para deparar monstros mais formidáveis. O esqueleto que encontraramos empalado nos bambus autorizava-nos a crer que essa terra era habitada por homens pouco dispostos a fazerem-nos um acolhimento cordial, porque se um homem não tivesse sido atirado do alto da muralha nunca poderiamos ter encontrado o seu esqueleto em tal posição. Presos, sem esperança de dali sairmos, em semelhante país, expostos a todos os perigos, tinhamos milhares de razões para atendermos às medidas de prudência que a experiência aconselhava a lord Roxton.

Mas como conseguiriamos deter-nos no limiar do mistério, quando ardiamos no desejo de mergulhar nele?

Tendo barricado com arbustos a entrada do nosso «forte», deixámos o campo e as provisões sob a protecção da improvisada cinta defensiva. Depois, com circunspecta lentidão, avançámos ao longo do arroio, cuja nascente ocupávamos e que nos serviria de guia para o regresso.

Não caminhámos durante muito tempo sem que novas surprêsas se fizessem anunciar. Depois de termos atravessado um espêsso bosque, de cêrca de cem jardas de comprimento, onde cresciam árvores para mim completamente desconhecidas, mas em que Summerlee, o botânico da expedição, reconhecia coníferas e cicádeas desde há muito desaparecidas do mundo de que viéramos, penetrámos numa região onde o arroio, bruscamente alargado, formava um vasto pântano. Grandes canaviais dum tipo muito especial, que, parece, pertenciam à família das equisetáceas ou caudas-de-cavalo, misturavam-se aos fetos arbóreos, ondulando sob a acção da brisa. De repente, lord Roxton, que caminhava à rente, parou, erguendo a mão.

— Olhem! — disse êle — *By George!* Aqui estão, suponho eu, as pégadas dum antepassado das aves.

Avançámos e vimos diante de nós, impressas na lama mole, as marcas duma pata enorme guarnecida de três dedos. Um animal tinha atravessado o pântanto e penetrado no bosque.

Detivemo-nos para examinar a monstruosa pista. Se, de facto, se tratava de uma ave — e que outro animal poderia deixar semelhante pégada? — o pé desta ave ultrapassava, em dimensões, por tal forma o pé do avestruz que, em relação a esta, devia ser uma ave gigantesca.

Lord John passeou o olhar em tôrno de si e meteu dois cartuchos na carabina.

— Juro pela minha reputação de caçador — disse êle — que estas pégadas são recentes. Ainda não há dez minutos que o animal aqui passou. Reparem: nesta, que é mais profunda, ainda a água reçuma. Mas — *by love!* — há aqui pégadas mais pequenas!

Com efeito, paralelamente às pégadas grandes, corriam outras mais pequenas e com a mesma forma.

— E o que é que dizem a isto? — exclamou Summerlee, triufante, mostrando-nos entre as marcas das patas de três a impressão nítida dos cinco dedos de uma formidável mão humana.

— Wealden! — replicou Challenger, extático — já vi isso na argila de Wealden! Essa marca é de um animal que caminha erguido sôbre as patas trazeiras, que teem três dedos e que, de vez em quando, apoia no solo uma das patas dianteiras, que teem cinco dedos. Mas êste animal, meu caro Roxton, não é uma ave!

— O que é, então?

Durante um momento, por entre as árvores, reluziu a ardósia das suas peles e as cabeças ondularam por cima da vegetação, para logo os perdermos de vista

— Um reptil, um dinosaurio! Só um dinosaurio pode deixar semelhantes vestígios, que bastante intrigaram um pobre doutor de Sussex, há noventa anos!

Mas, subitamente, numa voz que se extinguia num murmúrio:

— Êste espectáculo... ali... em frente dos nossos olhos!... + + + + sonhou, jámais, um semelhante quadro?

Detivemo-nos todos, estupefactos. Seguindo as pégadas, tinhamos deixado o pântano e atravessado uma espessura de mato e árvores, para além da qual se abria uma clareira, onde se encontravam cinco animais fantásticos! Ocultos por detrás dos arbustos, observámo-los à vontade.

Eram cinco, como disse, dois adultos e três mais novos, mas todos de proporções colossais, apresentando já os mais pequenos a corpulência dum elefante e os outros ultrapassando em muito as dimensões dos maiores animais conhecidos. Revestia-os uma pela côr de ardósia, escamosa, que reluzia ao sol. Balançavam os corpos, apoiados na cauda poderosa e nas grandes patas posteriores, guarnecidas de três dedos, enquanto que com as patas dianteiras, mais curtas e de cinco dedos, puxavam os ramos que iam roendo. Para se formar uma idea nitida dêsses animais imaginem-se uns cangurús monstruosos, de vinte pés de altura, revestidos de pele de crocodilo.

Não sei quanto tempo estivemos contemplando esta scena. Não corriamos o risco de sermos descobertos, porque o vento soprava na nossa direcção e os arbustos ocultavam-nos por completo. De vez em quando, os mais pequenos punham-se a brincar em volta dos pais, arrastando-os nas correrias e o solo ressoava com as suas patadas. A fôrça dos mais velhos parecia ilimitada: um dêles, tendo dificuldade em alcançar um ramo que estava mais alto, agarrou-se com as patas dianteiras à árvore e arrancou-a, como se ela não passasse dum arbusto, demonstrando assim uma grande fôrça muscular, mas pouca inteligência, porque a enorme massa de fôlhas e troncos lhe caiu em cheio sôbre a cabeça, o que o fez soltar uma série de gritos agudos, donde inferi que a sua aparente insensibilidade tinha um limite. Certamente, depois da pancada, o sítio lhe pareceu perigoso, porque abalou através dos bosques, seguido pela fêmea e pelas crias. Durante um momento, por entre as árvores, reluziu a ardósia das suas peles e as cabeças ondularam por cima da vegetação, para logo os perdermos de vista.

Olhei os meus camaradas. Lord John, em pé, tinha o dédo no gatilho da carabina e tôda a sua alma de caçador se lhe reflectia no fogo das pupilas. O que não daria êle para que a cabeça dum daqueles animais pudesse ser colocada entre os dois remos cruzados, por cima do fogão de sala da sua casa de Albany! Mas lembrou-se a tempo do interêsse que tinhamos em ocultar a nossa presença e por isso não disparou.

Os dois professores, mudos e encantados, tinham, na sua excitação, dado a mão um ao outro, e assim se conservavam, como duas crianças maravilhadas: um sorriso seráfico alargava a face de Challenger e no rosto trocista de Summerlee confundiam-se as expressões do espanto e do respeito.

— *Nunc demittis!* — exclamou êle, por fim — O que se dirá a isto, na Inglaterra?

(Continua.)

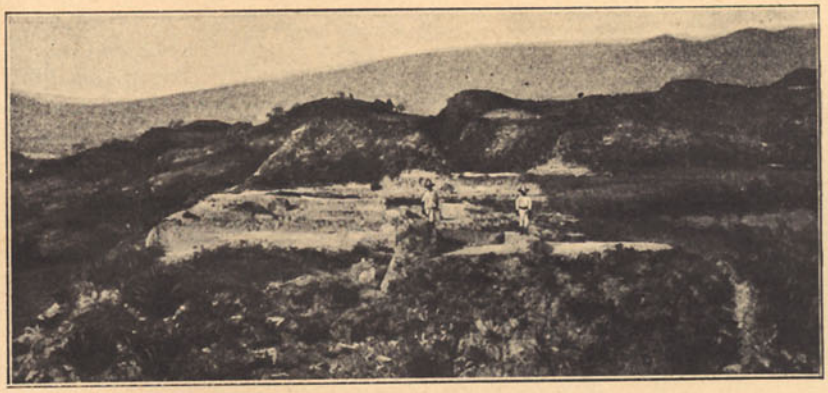
Vêr, nos n.os 29, 30 e 31 as condições e prémios do concurso do romance

O MUNDO PERDIDO

A PLANTA DAS VISÕES MARAVILHOSAS

Grupo de Indios Huichols

No outono, pelas veredas pedregosas que conduzem às regiões desérticas do planalto central mexicano, encontram-se grupos de Índios Huichols fatigados de longas jornadas e das privações que lhes impõem os ritos religiosos. O seu vestuário é também ritual e destaca-se pela fantasia dos ornatos em relação ao que usam comummente. Pinturas simbólicas lhes enfeitam os rostos. Vão colher o fruto sagrado, o maravilhoso Hicowri, mercê do qual se consideram ao abrigo da sêde, da fome e do mêdo, e que constitui para êles a preciosa dádiva de Tamat's Parikê, o deus dos ventos e do ar.



Região do planalto mexicano, onde se encontra o Hicowri

Naquelas tristes paragens onde o terreno se enruga em colinas pedregosas, queimando sob o sol ardente e geladas durante a noite, vive a planta divina, um cacto de haste cilindrica, simples ou ramificada, não medindo mais que 20 centímetros de altura. No cimo da haste forma-se a cabeça globulosa, de côr verde-carregado, bosselada e tendo no vértice uma formação de feitio umbilical donde emergem, por entre pêlos sedosos, pequenas flores rosadas ou brancas. Após a floração que sucede às chuvas estivais características do clima sub-tropical, constitui-se o fruto, uma baga côr de rosa pálido, tendo no seu interior numerosas sementes pequenas, negras, arredondadas.

O Hicowri

O fruto é colhido e dividido em fatias que se secam, sendo consumidas depois. Para adquirirem a sua provisão anual, fazem os Índios a tormentosa viagem pelo planalto deserto. A posse do Hicowri é para aqueles povos, ao mesmo tempo caçadores e agrícolas, a garantia de que choverá, de que vingarão sem contratempo as searas de milho e de favas e as bananeiras se cobrirão de frutos.

O Hicowri, de seu nome índio, pois que os descendentes dos conquistadores da América lhe chamam geralmente Peyotl, tem na sua composição vários alcalóides já estudados e outros de cujas propriedades pouco ainda se sabe. Em conjunto, produzem uma embriaguez notável pelas estranhas ilusões visuais que a acompanham. Diz-se que a pode suportar sem inconvenientes qualquer pessoa robusta, sem experimentar efeitos secundários desagradáveis como os da embriaguez alcoólica, sem receio de se habituar ao veneno e sem vir a sentir aquele apetite dominador pelo tóxico que caracterisa a intoxicação pelo ópio e pela cocaína.

O primeiro período da embriaguez, que dura 3 a 4 horas, é caracterisado pela excitação geral das faculdades físicas e intelectuais; depois a pupila dilata-se e produzem-se efeitos de sedação nervosa com visões côradas extraordinárias. Aumenta a sensibilidade dos olhos à luz e a acuidade da percepção visual, intensifica-se o relêvo dos objectos e modificam-se as relações entre as côres. No êxtase máximo, posto o indivíduo às escuras e de olhos fechados, êle vê sucederem-se as formas mais extranhas numa apoteose indescritível de côres. E é tal o brilho, tão pura a tinta e tão belo o conjunto que incessantemente varia em forma e em tom de côr, que um dos poucos cronistas do Hicowri, Weir Mitchell, declara não poder descrever êsse encantador espectáculo em termos que possam esclarecer sôbre a sua beleza e esplendor.

Para obter o fruto que lhes dá tão maravilhosas visões, fazem os Índios aquelas longas e dificeis jornadas. E gratos ao encanto que lhes faculta o humilde cacto, consideram-no como um presente divino e em sua honra ergueram altares.

F. MIRA.

Altar com representações simbólicas do Hicowri

MADAME LAFARGE

Nasceu Maria Capelle em 1816, tornando-se tristemente célebre em 1840 pelo processo ruidoso em que figurou como envenenadora do marido, Carlos Lafarge.

Pertencia Maria Capelle à alta burguesia. Sem ser positivamente bela era todavia galante, inteligente e espirituosa; possuindo além dêstes dons, aquele que tem dominado em todos os tempos: era rica.

Orfã muito nova, quando *menina e moça* mais carecia de cuidados e amparo, foi entregue a duas tias maternas, Madame Garat e baronesa de Martens. Pela leitura das interessantes *Memórias* de Madame Lafarge, essas tias aparecem — nos modêlos de elegância mundana, mas absolutamente desprovidas das qualidades sérias e necessárias para poderem guiar a educação moral duma menina.

Maria Capelle levou vida faustosa e brilhante na companhia dessas tias, ora em Paris, ora em Villers Hellon, rica propriedade de campo.

Confessa Maria algumas fantasias amorosas e um grande amor por uma personagem misteriosa, o Senhor de C, amor que parece ter sido da parte dela ardente e vivaz.

Deixam as Memórias aperceber que Maria veio afinal a casar pelos bons ofícios duma agência de anúncios, para êsse fim procurada pelo senhor Garat e custa a compreender como a gentil menina aceitou Lafarge, desajeitado, provinciano, quási ridículo...

Lafarge apresentara-se como rico industrial, mostrando títulos de fortuna, dando explêndidas informações e pondo mesmo diante dos olhos de Maria o desenho colorido (e mentiroso) do Glaudier, antigo convento transformado em casa de campo e fábrica, onde vivia com a Mãe.

O casamento realizou-se entre galas, risos e flores e nesse mesmo dia, em hora nefasta, Lafarge partiu levando consigo a esposa enigmática e esquiva...

Na carruagem que os transportava para a longínqua província, a noiva tenta falar de arte e de poesia, o marido olha-a admirado e oferece-lhe sem cerimónia metade dum frango partido prosaicamente à mão!

Chegam enfim ao Glaudier depois de trabalhosa jornada, e Maria olha cheia de assombro à volta de si. A sogra, os cunhados, os amigos, são como Lafarge faltos de elegância, de maneiras e de asseio...

A casa para onde entraram os viajantes denominada *salão*, descreve-a assim Madame Lafarge nas Memórias:

— Voltei ao *salão*, olhei à roda de mim e aquela sala espaçosa e sombria, capaz de fazer gelar a mulher menos impressionável, apavorou-me! Era a própria vulgaridade ameaçando envolver-me. As paredes estavam forradas de papel amarelo, tentando em vão disfarçar a sujidade e os estragos causados pelo tempo. Defrontava com duas janelas uma alcova cuja porta era enfeitada com cortinas de paninho encarnado, guarnecido duma franja amarela. Enfeitavam as janelas cortinas iguais.

Sôbre uma cómoda de nogueira, via-se um tapete, ufano por ter deixado o chão para subir a tão alta dignidade. Representava o tapete a scena comovedora de dois pombos que pareciam transportados de alegria, sentindo se enforcar num laço azul celeste! Ostentava o fogão duas velas cuja brancura atestava a sua virgindade e um candeeiro representando Adão e Eva fraternalmente abraçados, sem pecado mas também sem fôlhas.

Junte-se a tôdas estas *maravilhas* um quadro de papel pintado, figurando os amores duma bela grega e dum jovem albanez. Duas poltronas de veludilho vermelho e algumas cadeiras de palha ao correr da parede, completavam a harmonia do salão.

Tremenda fôra decerto a desilusão sofrida! Maria Capelle mediu então o abismo e resolveu fugir-lhe. Assistiu à ceia, aparentemente tranquila e ouvindo tôda aquela gente falando entre si no dialeto da terra, desconhecido para ela e mal que da mesa se levantaram, sob qualquer pretexto, encerrou-se no quarto destinado aos noivos, com a criada fiel que de Paris a acompanhara e desejando ferir Lafarge nas suas susceptibilidades mais respeitáveis, julgando assim poder fugir-lhe, escreveu e mandou entregar-lhe a notável carta que fez parte do processo, carta reveladora do mais intenso desvario e do maior terror!

Diz a carta:

Carlos

De joelhos lhe peço perdão. Indignamente o enganei. Não gosto de si e amo outro. Meu Deus!

Como tenho sofrido! Diga-me: — mata-te! — e estarei morta amanhã! Oiça-me por compaixão. Chama-se também *Carlos*, é moço, é formoso e nobre. Conheço-o desde criança. Há um ano uma mulher quis roubar-mo e eu julguei morrer de pena. Casei-me por despeito. Pensei que apenas lhe devia um beijo na fronte e que para mim seria bom como um Pai. Desgraçada! Olhe vou dizer-lhe tudo, estimo-o, respeito-o, mas os hábitos, a educação puseram entre nós enorme barreira. Em vez de amorosas gentilezas, graças grosseiras; só os sentidos que em mim se revoltam, falam em si... depois... *êle* está arrependido, vi-o em Orleans. Se me não salva Carlos serei adúltera a meu pesar. Afaste-me dêle e de si. Partirei esta noite, diga que consente; embarcarei para a Smirna. Deixo-lhe a minha fortuna, há de Deus querer que prospêre nas suas mãos. Viverei do meu trabalho, posso dar lições. Pelo amor de sua Mãe não me negue o que lhe peço e perdoe-me em nome de Deus. Meta uma carta com a sua resposta por debaixo da porta. Podia estimá-lo, mas as suas carícias repugnam-me. A sua Mãe tão terna, a sua irmã tão carinhosa, tudo me oprime! A mim mesmo causo horror! Seja generoso Carlos, evite a minha morte. Não serei dêle nem sua, morri para o amor.

Partirei com Clementina, podemo-nos disfarçar em camponesas. Deus o recompense por todo o mal que lhe faço. Mandar-me há para a Smirna o que se dignar mandar-me. Tudo lhe fica. Não me acuse de falsidade, desde que compreendi... Jurei morrer! Tomei veneno mas a dose foi pequena. A pistola carregada que encontrou na carruagem era minha, cheguei a pegar-lhe, a apontar à cabeça, mas tive mêdo! Agora já não recuarei. Tudo depende de si. Seja o anjo tutelar da pobre orfã ou mate-me! Sem letra sua, sem a sua palavra de honra não abro a porta!

Maria.

Nesta carta incoerente e contraditória, a verdade confunde-se com a fantasia. Para mim é mais do que certo que Maria Capelle guardava no coração um segrêdo amoroso. Nas memórias conta como cedeu às súplicas e lágrimas do marido e da família consentindo em ficar como simples irmã. Parece que as tias, às quais escreveu ainda no auge do desespêro, lhe responderam secamente, aconselhando-a a ter juizo...

O que se passou então?

Madame Lafarge concentrou-se, refugiou-se em si mesma (perigoso refúgio!) fingiu-se resignada, afectuosa, quási feliz, mas a alma enchia-se-lhe de sombras...

Meses depois do casamento Lafarge teve que ir a Paris. Durante a sua ausência, trocam-se entre os esposos cartas muito carinhosas.

Maria manda então ao marido o seu retrato a óleo, pintado por uma provinciana que foi depois testemunha contra ela.

Na mesma ocasião manda-lhe também uns bolos que provocam ao desgraçado Lafarge dolorosas ânsias! Regressa êste ao Glaudier já doente e a tragédia desenvolve-se depressa...

Lafarge cai de cama, a mulher instala-se-lhe à cabeceira como enfermeira desvelada, o doente piora, chama-se outro médico. A atlita família concebe aterradoras suspeitas e tenta afastar, com o auxílio do médico, Madame Lafarge do leito do marido já moribundo. Conseguem-no mostrando-se a malaventurada cheia de indignação pela afronta. Lafarge porém morre e a viúva é prêsa.

Dividiu-se então o povo francês em dois campos, um acusando, outro defendendo a donairosa acusada. Dois sábios ilustres, Raspail e Orfila chegaram a disputar pela palavra e pela escrita comprometendo-se o primeiro a encontrar arsénico em qualquer matéria, *até na cadeira do juiz*, pelo processo empregado na autópsia por Orfila...

Apaixonadamente defendida pelo presidente da Associação dos advogados Paillet, sem nunca ter confessado o crime, Madame Lafarge foi condenada a trabalhos forçados por tôda a vida e a ser exposta ao público na praça de Tulle. Protegida contudo, por influências poderosas, foi poupada aos trabalhos forçados e à humilhante exposição. Encerrada na cadeia de Tulle gosou de raros privilégios e ali compoz as coloridas e interessantes Memórias.

Em 1852 Napoleão perdoou-lhe, mas pouco tempo disfrutou a pobre a liberdade apetecida e reconquistada. Morreu nesse mesmo ano em Ussat para onde fôra tomar banhos.

Foi Maria Capelle realmente criminosa? Nas Memórias forceja por demonstrar a sua inocência, mas não me parece que o tenha conseguido... A sua alma transporia o umbral da eternidade com a confiança do inocente ou com o pavor do criminoso?

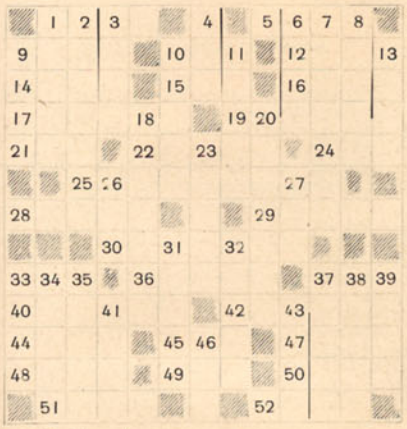
Seja como fôr; Maria Capelle levou para além da vida, na alma sombria, o seu tenebroso segrêdo!

MARIA DO CARMO PEIXOTO.

Passatempo

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo)



Horizontalmente:

1 Ave trepadora. — 5 Prolongamento dos lados de um corpo ou superfície. — 9 Bola. — 10 Conjuntivo. — 12 Nome bíblico. — 14 A toa. — 15 Cólera. — 16 Região de uma colónia portuguesa. — 17 Afirmo. — 19 Península da Europa. — 21 Gasta. — 22 Com ásas. — 24 Advérbio. — 25 Acto de girar. — 28 Reverencie. — 29 Chapa redonda. — 30 Lava com sabão. — 33 Amarra. — 36 Máculas. — 37 Defeituosamente. — 40 Produto da distilação da hulha. — 42 Nédia. — 44 Culto. — 45 Possuir. — 47 Atraí o ferro. — 48 Assim seja. — 49 Gérmen. — 50 Flor. — 51 Para voar. — 52 Recipiente.

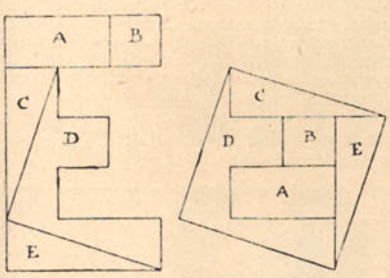
Verticalmente:

1 Utensílio de vêrga. — 2 Árvore de grande porte. — 3 Desordem. — 4 Grande extensão de água. — 6 Dá pancada. — 7 Francos. — 8 Pequena embarcação asiática. — 9 Embaraçar, impedir. — 10 Instrumento de música. — 11 Árvore indiana. — 13 Carnívoro. — 18 Engenho. — 20 Humanitário. — 23 Guarnecer de ameias. — 26 Reze. — 27 Parenta. — 31 Pulo. — 32 Argila. — 33 Descerre. — 34 Obstinação. — 35 Advérbio. — 37 Carinhos. — 38 Fortuito. — 39 ... caprina. — 41 Cinta, faixa. — 43 Instrumento de música. — 46 Mulher.

■ ■ ■

UMA LETRA EM PEDAÇOS

(Solução do número 34)



A gravura mostra a maneira de cortar a letra em cinco pedaços, que se ajustam de modo a formarem um quadrado perfeito.

COMBINAÇÕES DE CARTAS

(Problema)

Tirem-se do baralho os quatro setes, os quatro oitos, os quatro noves e as quatro damas às quais se dará o valor de dez. Agora, trata-se apenas, de colocar estas dezasseis cartas, em quatro linhas, de quatro cartas cada uma, de tal modo que em todos os sentidos, vertical, horizontal, e nas duas diagonais, se obtenha um total de 34, contando cada carta pelo seu valor, e advertindo que, em cada linha, deve haver uma carta de cada um dos naipes do baralho.

■ ■ ■

Preguntavam a uma menina de seis anos de qual gostava mais, se do seu gato, se da sua boneca.

Ela, não se querendo comprometer recusava-se a dar resposta.

Instaram e resolvendo-se por fim a responder, inclinou-se para quem lhe fazia a pregunta e disse-lhe ao ouvido:

— Gosto mais do meu gato, mas não diga nada à minha boneca.

■ ■ ■

Ela: — Sinto muito não poder casar comsigo, mas o que é verdade é que já estou comprometida com o Alexandre, desde hontem.
Ele (que a conhece bem): — Então, diga-me cá, e para a semana?

Um médico é chamado para visitar um opulento banqueiro que se julga atacado de uma doença de figado.

O médico começa por apalpar o peito ao doente e diz:

— Observo uma protuberância anormal na região do coração e será preciso reduzi-la.

— Isso é a minha carteira, doutor; veja lá se lhe tira o menos possível.

■ ■ ■

ERRATA DO PASSATEMPO DO NÚMERO ANTERIOR

Na primeira coluna, em *'Palavras cruzadas*, onde se lê «Cargo celeste» deverá lêr-se «Corpo celeste».

■ ■ ■

A D. Brigida é uma destas espôsas rabujentas que passam a vida a dizer mal do marido.

Estava-se queixando, como de costume, do seu, a algumas amigas, e dizia-lhes:

— Ora façam idea! o cão predilecto, dêle, morreu a semana passada, e logo o mandou embalsamar...

— E então!

— E então?! estou convencida que não era capaz de me fazer outro tanto!

■ ■ ■

CHAMANDO NOMES

O inspector da escola: — Qual é o nome de seu pai?

A pequenita: — Não sei, senhor.

O inspector: — Ora vamos, deve saber. Veja lá se se lembra. Que nome lhe chama a sua mãe?

A pequenita (indignadamente): — Ela não lhe chama nomes. Gosta dêle.

■ ■ ■

— Porque me deixas? dizia um amo ao criado.

— Porque não posso aturar as suas irritações.

— Confesso que tenho génio, mas tão depressa me irrito como me acalmo.

— Isso é verdade, disse o criado; mas tão depressa se acalma como se irrita outra vez.

■ ■ ■

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do número 34)

■	M	I	L	■	P	■	M	E	U
I	■	C	A	R	A	C	A	S	■	I
A	S	■	M	A	T	A	I	■	A	R
S	E	■	A	S	T	R	O	■	I	A
■	D	■	■	T	I	L	■	■	D	■
C	A	R	I	E	■	I	D	E	A	L
H	■	U	R	I	■	T	O	M	■	U
A	L	■	A	R	G	O	S	■	V	A
■	A	R	N	O	■	S	E	T	A	■
C	R	U	■	■	■	■	■	U	N	A
■	■	A	R	M	E	N	I	A	■	■

BIBLIOGRAFIA ESTRANGEIRA

REGISTO BIBLIOGRÁFICO

SECÇÃO FRANCESA

LITERATURA

ROMANCES, CONTOS E NOVELAS

AIMERY (CHRISTIANE) — *Béatrice ou les Deux Expériences.* 12 fr.
ALANIC (MATHILDE) — *Francine et ses gens.* 12 fr.
ANDARD (LOUIS) — *Crois le serpent avant la femme.* 9 fr.
BEUCLER (ANDRÉ) — *Lettres à une étoile.* 12 fr.
BOURGET (PAUL) — *Nos actes nous suivent.* 2 vol. 24 fr.
CAHUET (ALBÉRIC) — *Les Amants du lac.* 12 fr.
CHOPIN (JULES) — *Veillées de Bohême. Floriléges des grands conteurs tchèques.* 12 fr.
DES ESNAULT (JEAN) — *La Danseuse au chrysanthème.* 12 fr.
DODERET (ANDRÉ) — *Voyage aux iles de la Société.* 12 fr.
FÉVAL (PAUL) FILS — *L'Homme de vaille ou les Mystères de la C. G. T.* 12 fr.
FRAPIE (LÉON) — *Gamins de Paris.* 9 fr.
GOGOL (NICOLAS) — *Tarass Boulba.* 15 fr.
GALOPIN (ARNOULD) — *Le Petit Chasseur de la Pampa.* 17 fr. 50.
GREEN (JULIEN) — *Adrienne Mesurat.* 20 fr.
HESSE (RAYMOND) — *Bouzigny, ville joyeuse.* 9 fr.
JOSEPH-RENAUD (J.) — *Orchidée, danseuse.* 12 fr.
KEYSER (EDOUARD DE) — *La Possédée.* 10 fr.
JEAN-RENAUD — *L'Homme au loup.* 12 fr.
KESSEL (J.) — *Les Cœrs purs.* 10 fr. 50.
LOUYS (PIERRE) — *Archipel.* 12 fr.
LOMBARD (JACQUES) — *La Route obscure.* 10 fr. 80.
MARSAY (MAURICE DE) — *Mon curé au cinéma.* 10 fr.
MAUREVERT (G.) e EMERAM (C.) DU MAINE — *Eros et la Riviera.*
OTERO (CAROLINE) — *Le Roman de la belle Otero.* (Sa vie intime, ses amours, ses succès racontés par elle-même). 12 fr.
PRÉVOST (MARCEL) — *La Retraite ardente.* 12 fr.
RAUVILLE (HERVÉ DE) — *Ames exotiques.* 12 fr.
RIVIERE (JACQUELINE) — *Bonne Maman.* 6 fr. 50
RECHETNIKOV (THÉODORE) — *Ceux de Podlipnaïa.* Trad. do russo por Charles Neyroud. 10 fr. 50
ROLLAND (ROMAIN) — *L'Ame enchantée,* 3.ª partie. *Mère et Fils.* 2 vol. 24 fr.
ROSTAND (MAURICE) — *Le second Werther.* 12 fr.
SABBE MAURITS — *Le Petit Curé de Schaerdycke.* (coll. Renaissance du Livre Belge). 10 fr.
SEMENOV (SERGE) — *La Faim.* (Coll. littéraire de la Russie Nouvelle). 15 fr.
SHERWOOD ANDERSON — *Un païen de l'Ohio.* Trad. do inglês por M. Gay. Pref.ª de Eugène Jolas. 10 fr. 50
SOY (EMMANUEL) — *La Confidente.* 9 fr. 75.
TRAZ (ROBERT DE) — *L'Ecorché.* 12 fr.
VIMEREU (PAUL) — *Les Amants du rempart.* 12 fr.
WEBSTER (JEAN) — *Trois petites Américaines.* 12 fr.
VAN OFFEL (HORACE) — *Le Secret de Rubens.* 12 fr.
VAUDOYER (JEAN-LOUIS) — *Premières Amours.* 12 fr.
WHITE (STEWART-EDWARD) — *Les conquérants do forêts.* Trad. do inglês por Léon Bocquet. 12 fr.

ENSÁIOS, CRÍTICA E DIVERSOS

AMIEL (A.-F.) — *Philine* (Fragments inédits du Journal intime, publiés par B. Bouvier, introduction par Edmond Jaloux). 35 fr.
BED'ER (JOSEPH) — *La Chanson de Roland.* 40 fr.
BEETHOVEN — *Correspondance.* Trad., introduction et notes de Jean Chantavoine. 9 fr.
BERAUD (HENRI) — *Mon ami Robespierre.* 25 fr.
BLOY (LÉON) — *Lettres à Pierre Termier (1906-1917).* 16 fr.
BRULAT (PAUL) — *Petit Reliquaire du bonheur.* 2 fr. 50.
GENTY (RAYMOND) — *Petit Reliquaire de l'amour.* 2 fr. 50.
CASANOVA (JACQUES) — *Ni amours, ni femmes ou l'Etable nettoyée.* 16 fr.

CLÉMENT VAUTEL

Um dos romancistas franceses de mais voga nos dias de hoje, cujos livros precisamente reflectem, com crueza de tintas e bastante graça caricatural, os degenerados costumes contemporâneos. A maior parte dos seus romances encontra-se já traduzida em português: Sua Reverendíssima entre os Ricos, Sua Reverendíssima entre os Pobres, Minha Mulher não quere filhos, Uma menina sem cerimónia, *etc... Também teem sido adaptadas à scena algumas dessas obras.*

JOANNIS (F. DE) — *Petit Reliquaire de l'amitié.* 2 fr. 50.
LE GENTIL (GEORGES) — *Almeida Garrett, un grand romantique portugais.* 5 fr.
MAYNIAL (EDOUARD) — *Flaubert et son milieu* 12 fr.
MARIUS (ANDRÉ) — *La Véridique Aventure de Christophe Colomb.* 15 fr.
MAURRAS (CHARLES) — *L'Avenir de l'Intelligence.* 12 fr.
MORAND (PAUL) — *Le Voyage.* Notes et maximes. 5 fr.

MORAL, FILOSOFIA E RELIGIÕES

BOUTROUX (EMILE) — *Des vérités éternelles chez Descartes.* 12 fr.
BREHIER (EMILE) — *Histoire de la philosophie.* 18 fr.
BRUNSCHVICG — *Le Progrès de la conscience dans la philosophie occidentale.* 75 fr.
DOROLLE (MAURICE) — *Les Problèmes de l'induction.* 12 fr.
ESSERTIER (DANIEL) — *Psychologie et Sociologie.* 20 fr.
GROETHUYSEN (B.) — *Origines de l'esprit bourgeois en France.* T. I: *L'Eglise et la Bourgeoisie.* 30 fr.
MAURRAS (CHARLES) — *La Politique* (1926-1927). 25 fr.
RIBOT (TH.) — *Essai sur l'imagination créatrice.* 25 fr.
RICHET (CHARLES) — *L'Homme impuissant.* 12 fr.

SCIÊNCIAS SOCIAIS

FAYOL (HENRI) — *L'Eveil de l'esprit public.* 14 fr.
PICHON (FRANCIS) — *La Victoire stérile.* 12 fr.

▪ ▪ ▪

INFORMAÇÕES E CURIOSIDADES

Órgão dos *Ibero-Amerikanischen Instituts,* de Hamburgo, publica-se nesta cidade alemã uma esplêndida revista, redigida em alemão, cuja matéria interessa sobremodo à Espanha e aos países da América espanhola, a Portugal e ao Brasil: daí seu título, bem significativo: *Iberica.* O seu último número recebido por nós, relativo a Janeiro e Fevereiro do ano corrente, insere, além doutros, um bem elaborado artigo sôbre a *Batalha,* o soberbo relicário arquitectural da heroicidade portuguesa, cujo texto se faz acompanhar de vários aspectos de conjunto e de pormenor dêsse monumento, dados em gravuras nitidamente impressas.

— A Itália prossegue na campanha em favor do excursionismo no seu território, campanha operada com pertinácia e inteligência: um dos seus elementos mais activos é, sem dúvida, a magnífica revista mensal que imprime e espalha, redigida em francês, por todo o mundo, por intermédio das delegações da *Enit,* ou, seja, o organismo que em Itália tem a seu cargo a propaganda oficial do país, quer dos seus progressos sociais, quer da beleza das suas paisagens e dos seus monumentos. Chama-se essa revista *Le Tourisme en Italie,* a que já várias vezes temos tido ocasião de nos referir. De número para número esta publicação vai apresentando mais interêsse no seu texto.

As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente tôdas as informações às consultas bibliográficas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo êstes vendidos ao câmbio do dia

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Anual
CONTINENTE E ILHAS	Escudos 22$00	Escudos 44$00	Escudos 88$00
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL	» 25$00	» 50$00	» 100$00
ÍNDIA, MACAU E TIMOR	» 27$00	» 54$00	» 108$00
ESPANHA	» 24$00	» 48$00	» 96$00
ESTRANGEIRO	32$00	» 64$00	» 128$00

BERTRAND (IRMÃOS) LDA

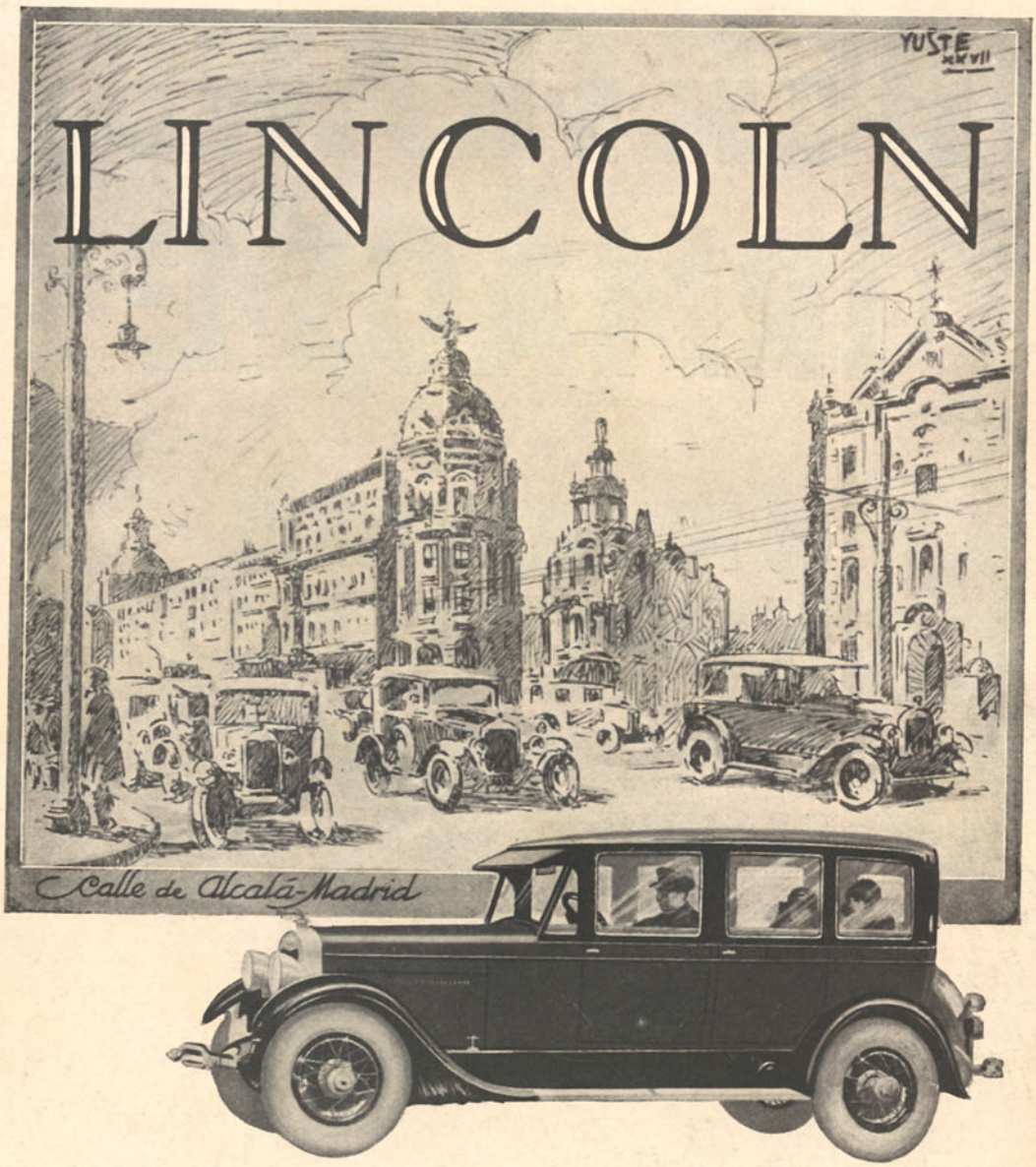
OS MAIORES ATELIERS
DE GRAVURA DO PAIS

TRAVESSA
DA CONDESSA DO RIO 27

TELEPHONE TRINDADE 96

TRICROMIA
FOTOGRAVURA
ZINCOGRAVURA
E DESENHOS

ARTA



Em Madrid, como nos grandes «*boulevards*» das principais cidades, circulam os magestosos automóveis LINCOLN, os que, ao serem reconhecidos instantaneamente, são proclamados como o carro mais perfeito e elegante.

Sistema de seis travões ás quatro rodas.

Salões de Exposição nas principais capitais de ESPANHA e PORTUGAL.

MADRID	LISBOA	BARCELONA
Av. Pi y Margall, 11	Orey, Limitada	Diputacion, 279
	Rua 24 de Julho, 42	

Ford Motor Company. LINCOLN Barcelona